

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Sabedoria Ancestral em Movimento: perspectivas para a sustentabilidade**

Samantha Ro'otsitsina de Carvalho Juruna

Orientadora: Luciane Ouriques Ferreira

Dissertação do Mestrado Profissional

Brasília-DF, fevereiro/ 2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Sabedoria Ancestral em Movimento:** perspectivas para a  
sustentabilidade

Samantha Ro'otsitsina de Carvalho Juruna

Orientadora: Luciane Ouriques Ferreira

Dissertação do Mestrado Profissional

Brasília-DF, fevereiro/2013

Juruna, S. R de C.

**Sabedoria Ancestral em Movimento:** perspectiva para a Sustentabilidade/ Samantha Ro'otsitsina de Carvalho Juruna.

Brasília-DF, 2013.

85,p.:il.

Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.

1. Pensamento em Movimento.
2. Metodologia.
3. Movimento Indígena: breve histórico.
4. Sabedoria Ancestral em Movimento.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva a si outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

---

Samantha Ro'otsitsina de Carvalho Juruna

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Sabedoria Ancestral em Movimento: perspectivas para a sustentabilidade**

Samantha Ro'otsitisina de Carvalho Juruna

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Indígenas.

Aprovado por:

---

Profa. Dra. Luciane Ouriques Ferreira (CDS-UnB)  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Othon Henry Leonardos (CDS-UnB)  
(Examinador Interno)

---

Prof. Dr. Ricardo Verdum (CEPPAC)  
(Examinador Externo)

---

Álvaro Sampaio Tukano  
(Examinador Indígena)

Brasília-DF, 01 de fevereiro/ 2013.

Dedico este trabalho em especial ao meu pai [*in memoriam*] e aos parentes indígenas, pela confiabilidade que debitaram a mim e por sempre acreditarem na minha capacidade em prol do movimento indígena.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Danhimite, por está presente em todos os momentos da minha vida, dando-me força e coragem para continuar caminhando e aos meus mentores que auxiliam colocando pessoas para contribuir com o saber científico e ético, durante esse período o mestrado profissional.

Aos meus familiares e amigos que estiveram comigo durante esses dois anos do mestrado, mesmo aqueles distantes que em pensamento vibraram positivamente ao meu favor, e me incentivavam a atingir meus objetivos.

A minha família A'uwe que, desde que iniciei essa caminhada pelo conhecimento científico, sempre compreendeu a minha ausência em muitos momentos importantes, mas que compensados em nossos encontros.

A família de Neide Martins Siqueira, que me acolheu na cidade de Brasília para fazer este mestrado, bem como a Rosane Kaingang e Odenir Oliveira que incentivaram a participar do processo seletivo do mestrado profissional Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Indígenas.

Reconheço este momento à minha orientadora Luciane Ouriques Ferreira, que nos instantes do meu distanciamento em relação à produção escrita deste ensaio, procurou me estimular para continuidade e finalização desse processo necessário da academia.

Sobre o todo do processo do vídeo, agradeço ao Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília que liberou a filmadora para registros, ao Bruno Pacheco de Oliveira que gentilmente deu algumas dicas sobre filmagens para realização das gravações das entrevistas realizadas. E Ângela Vieira Apurinã que esteve comigo dando apoio e incentivo durante o período da pesquisa no Rio de Janeiro.

Ao Carlos Papá Guaraní, bem como o apoio de sua esposa Cristine Takuá Maxacalí, que me receberam e acolheram por três momentos em sua casa na Aldeia Rio Silveira - SP, onde foram feitas as edições das entrevistas. Agradeço também à Nadja Marin, que contribuiu com a consultoria para finalização do vídeo.

À minha prima, Lília Pinheiro, que nos três momentos necessários para edição do vídeo foi minha guia na cidade de São Paulo – SP, onde tive que transitar para chegar a Aldeia Rio Silveira e me encontrar com Nadja Marin para finalização do vídeo. À Maria Elenir Kaingang sou muito grata por ter patrocinado uma das viagens para Aldeia Rio Silveira.

Ao Museu do Índio da Universidade Federal do Rio de Janeiro, através do Antonio

Carlos de Souza Lima, referente às imagens do Acampamento Terra Livre/2012 para complementação do produto deste trabalho, filmadas por Bruno Pacheco.

À Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI) pelo apoio em diversos momentos de contribuição para a pesquisa sobre o Acampamento Terra Livre.

Sou também muito grata ao corpo docente e discente do mestrado profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Indígenas que executou este curso, bem como os parceiros apoiadores que acreditaram nesta ação inovadora. Ao Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS-UnB), Instituto Internacional de Educação no Brasil (IEB), Ministério da Cultura (MINC), Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Obrigada!

“[...] o nosso movimento é nossa cultura, nossa língua e nossos costumes, porque não vamos mudar muito, se eu nasci assim de um jeito, eu sou índio até a morte, eu não vou mudar”.

Getúlio Souza Guarani Kaiowá, ATL: 2012.



## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender a visão sobre o movimento indígena e as questões relativas à sustentabilidade dos povos indígenas que participaram do IX Acampamento Terra Livre (ATL). O IX ATL ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 15 e 22 de junho de 2012, como um evento paralelo a Rio +20, local onde a pesquisa foi realizada. O ATL foi uma mobilização paralela a RIO +20 e reuniu lideranças de diversos povos indígenas, as quais discutiram questões relacionadas aos direitos, educação, saúde, meio ambiente, segurança alimentar, etc. A pesquisa foi desenvolvida por meio de observação participante e entrevistas semidiretas realizadas com lideranças indígenas que participaram desse evento, as quais puderam destacar aspectos importantes sobre os temas abordados nesse estudo. As entrevistas realizadas serviram como base para elaboração de um vídeo por meio do qual alguns participantes do IX Acampamento Terra Livre expuseram seus pontos de vista e suas opiniões a respeito dos respectivos temas: ancestralidade, movimento indígena, Acampamento Terra Livre (ATL), sustentabilidade e as perspectivas para as futuras gerações. Os indígenas entrevistados no vídeo foram selecionados de acordo com a sua atuação e papel desempenhados no movimento indígena, alguns já com experiências em grandes mobilizações nacionais e outros que estavam participando pela primeira vez de um evento nacional. Sendo 16 indígenas entrevistados, de distintas regiões do país, de diversas faixas etárias e de ambos os sexos. A reflexão que se desenvolveu neste estudo fundamentou-se através dos depoimentos dos entrevistados, que colocaram a reflexão sobre sustentabilidade para os povos indígenas em preocupação para salvação do planeta, tendo como suporte os saberes tradicionais, a valorização e o fortalecimento das transmissões dos conhecimentos tradicionais, por meio da manutenção da cultura, e podendo ter outros entendimentos sobre estes temas diante da diversidade cultural dos povos indígenas.

Palavras chaves: Movimento indígena, sustentabilidade, conhecimentos tradicionais, povos indígenas.

## **ABSTRACT**

The present study aimed to understand the vision of the indigenous movement and the issues of sustainability of indigenous relatives who participated in the IX Free Land Camp (ATL). The ATL IX occurred in the city of Rio de Janeiro, between 15 and 22 Jun 2012, as a parallel event to Rio +20, where the research was conducted. The ATL was parallel mobilization RIO +20 and met leaders of various indigenous peoples, which discussed issues related to rights, education, health, environment, food safety, etc. The research was conducted through participant observation and interviews conducted with semi direct indigenous leaders who participated in this event, which could highlight important aspects of the topics addressed in this study. The interviews served as the basis for developing a video whereby some participants in the Free Land Camp IX exhibited their views and their opinions about their themes: ancestry, indigenous movement, Free Land Camp (ATL), and sustainability the prospects for future generations. Indigenous people interviewed in the video were selected according to their performance and role played in the indigenous movement, some with experience in large national mobilizations and others who were participating for the first time a national event. Which 16 indigenous respondents from different regions of the country, of different ages and of both sexes. The reflection that developed in this study was based on the statements by the interviewees, who put reflection on sustainability for indigenous peoples in concern for saving the planet, supported traditional knowledge, appreciation and strengthening of the transmission of traditional knowledge, by maintaining the culture, and may have other understandings on these issues before the cultural diversity of indigenous peoples.

Key words: Indigenous movement, sustainability, traditional knowledge, indigenous peoples.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01	Imagens da plenária do IX Acampamento Terra Livre, na Cúpula dos Povos, durante o dia e a noite	28
Fotografia 02	Imagens do alojamento, Marques de Sapucaí (Sambódromo).	29
Fotografia 03	Samantha Ro'otsitsina, Carlos Papá, Cristine Takuá e Mirim Dju (filho do casal), Aldeia Rio Silveira	31
Fotografia 04	Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul, canto e reza.	43
Fotografia 05	Caminhada ao BNDES.	44
Fotografia 06	Imagem da bandeira viva "rios para a vida".	46
Fotografia 07	Ismael Morel Guarani Kaiowá.	48
Fotografia 08	Hensu Kamekwa.	49
Fotografia 09	Tsitsina Xavante e Ceíça Pitaguari.	51
Fotografia 10	Tsitsina Xavante, Raoni Metuktire e Paimu Txucarramãe.	53
Fotografia 11	Getúlio Guarani Kaiowá.	54
Fotografia 12	Edilena Krikati.	54
Fotografia 13	Alana Manchineri.	56
Fotografia 14	Aldamir Sateré Mawé.	57
Fotografia 15	Antonio Chico Truká.	58
Fotografia 16	Winti Kisêdjê.	59
Fotografia 17	Francisca Marciane Tapeba.	61
Fotografia 18	Davi Yanomami.	62
Fotografia 19	Sabaru Tingui Botó	63
Fotografia 20	Tabata Kuikuro.	66
Fotografia 21	Augusto Kaingang.	66
Fotografia 22	Paridzané Xavante.	68
Fotografia 23	Banca examinadora e convidados indígenas que participaram da banca. (Tobias Tserenhi'râmi Tsere'ômowi Xavante; Álvaro Sampaio Tukano; Luciane Ouriques Ferreira/Orientadora; Othon Leonardos/Examinador interno; Samantha Ro'otsitsina/mestranda; Ricardo Verdum/Examinador externo; Nelson Hambé).	78
Fotografia 24	Xavante presentes na apresentação da banca: Cosme Rité, Samantha Ro'otsitsina (Tsistina), Nelsom Hambé, Carolina Rewaptu e Tobias Tserenhi'râmi Tsere'ômowi.	80

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>APIB</b>	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
<b>APOINME</b>	Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo
<b>ARPINSUL</b>	Articulação dos Povos Indígena da Região Sul
<b>ARPINSUDESTE</b>	Articulação dos Povos Indígenas da Região Sudeste
<b>ARPINPAN</b>	Articulação dos Povos do Pantanal e Região
<b>ATY GUASU</b>	Grande Assembleia Guarani Kaiowá
<b>ATL</b>	Acampamento Terra Livre
<b>ABA</b>	Associação Brasileira de Antropologia
<b>BNDES</b>	Banco Nacional do Desenvolvimento
<b>CIMI</b>	Conselho Indigenista Missionário
<b>COIAB</b>	Coordenação das Organizações da Amazônia Brasileira
<b>FUNAI</b>	Fundação Nacional do Índio
<b>JIGA</b>	Associação de Jovens Indígenas Guarani de Amambai
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>MINC</b>	Ministério da Cultura
<b>MJ</b>	Ministério da Justiça
<b>MS</b>	Ministério da Saúde
<b>MMA</b>	Ministério do Meio Ambiente
<b>MDA</b>	Ministério do Desenvolvimento Agrário
<b>MDS</b>	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome
<b>PAC</b>	Programa de Aceleração do Crescimento
<b>ONU</b>	Organizações das Nações Unidas
<b>OIAKX</b>	Organização Indígena Aldeia Ktepo Xerente
<b>SESAI</b>	Secretaria Especial de Saúde Indígena
<b>UFAC</b>	Universidade Federal do Acre
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b>	
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b>	
<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>2 PENSAMENTO EM MOVIMENTO</b>	16
<b>3 METODOLOGIA</b>	21
3.1 TRAJETO DAS ENTREVISTAS	22
3.2 CONSTRUINDO ALIANÇAS PARA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL	29
<b>4 MOVIMENTO INDÍGENA BREVE HISTÓRICO</b>	32
4.1 ACAMPAMENTO TERRA LIVRE	35
4.2 IMPRESSÕES DO IX ACAMPAMENTO TERRA LIVRE	38
4.3 Acampamento Terra Livre e Ações na Rio+20	40
<b>5 SABEDORIA ANCESTRAL EM MOVIMENTO</b>	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	70
<b>EPÍLOGO</b>	73
ÁLVARO SAMPAIO TUKANO	73
TOBIAS TSERENHI'RĂMI TSERE'ŌMOWI XAVANTE	79
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICOS</b>	81
<b>ANEXOS</b>	85
A – Folder da Programação do IX Acampamento Terra Livre	
B – Declaração Final do IX Acampamento Terra Livre – Bom Viver/Vida Plena	

## INTRODUÇÃO

No Brasil existe uma ampla diversidade cultural de povos indígenas, estimados atualmente em 238 povos<sup>1</sup>, falantes de 180 línguas, com a população por volta de 817 mil<sup>2</sup> indígenas. Esses povos vêm buscando a consolidação de seus direitos, para continuar vivenciando suas crenças, seus rituais, seus modos de produção, mantendo sua cultura para o fortalecimento e valorização dos saberes ancestrais que são transmitidos de geração a geração.

Este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a percepção dos indígenas acerca do movimento indígena, bem como questões relacionadas à sabedoria ancestral, às questões ambientais e à problemática da sustentabilidade, resultando na elaboração de um vídeo com depoimentos de algumas lideranças indígenas sobre as questões supracitadas. A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de entrevistas com lideranças indígenas durante o IX Acampamento Terra Livre que teve como tema “A salvação do planeta através da sabedoria ancestral dos povos indígenas”, o qual ocorreu paralelo a Rio +20, entre os dias 15 a 22 de junho de 2010, na cidade do Rio de Janeiro – RJ. A proposta de elaboração do vídeo tem como objetivo atingir aqueles que fazem a manutenção da cultura como forma da sabedoria em movimento, sentindo parte do processo do movimento indígena nacional, que busca através de mobilizações a consolidação dos seus direitos.

Neste trabalho foi utilizado métodos qualitativos adotados na pesquisa social. Fez-se uso da observação participante por meio da qual se registrou em caderno de campo informações relevantes à pesquisa e da aplicação de entrevistas semiestruturadas com lideranças indígenas durante a realização do IX Acampamento Terra Livre/2012. As entrevistas foram gravadas em vídeo e, em seguida, foram transcritas e analisadas sobre a percepção dessas lideranças acerca do movimento indígena e outras questões relacionadas. A gravação das entrevistas serviu de material para a produção de um vídeo.

O roteiro das entrevistas constituiu-se dos seguintes questionamentos: (i) o que é o movimento indígena? (ii) como está organizado o movimento indígena? (iii) o que é o Acampamento Terra Livre (ATL)? qual a importância do ATL para o movimento indígena? (iv) o que é sabedoria ancestral? (v) qual a importância da sabedoria ancestral para o movimento indígena? (vi) o que você entende por sustentabilidade? (vii) qual seu recado para indígenas e/ou jovens indígenas sobre o movimento indígena?

---

<sup>1</sup> Instituto Socioambiental, ver < <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral> >.

<sup>2</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010.

“Essa visão estratégica de articulação nacional não anula nem reduz as particularidades e a diversidade de realidades socioculturais dos povos e dos territórios indígenas; ao contrário, valoriza, viabiliza e fortalece a pluralidade étnica, na medida em que articula, de forma descentralizada, transparente, participativa e representativa dos diferentes povos”. (LUCIANO, 2006. p. 59)

Essa reflexão de Luciano (2006) nos conduz a reconhecer o movimento indígena nacional como uma das fontes e perspectivas para sustentabilidade dos povos indígenas, incentivando as novas e futuras gerações a fazer a manutenção da cultura.

Esses valores e significados para os povos indígenas têm haver com saberes ancestrais, muitos deles ligados à transmissão dos conhecimentos que são repassados de geração a geração. O vídeo, desse modo, poderá contribuir para os registros realizados durante a pesquisa, podendo chegar aos diversos dos povos indígenas do Brasil.

Este trabalho organiza-se em quatro capítulos. O primeiro aborda a minha apresentação em relação com o tema proposto, o segundo trata sobre o método utilizado, o terceiro capítulo trás alguns aspectos históricos do movimento indígena e, posteriormente, contextualiza-se o Acampamento Terra Livre (ATL), enquanto evento e seus objetivos. Relatando também a chegada e a recepção das delegações ao evento<sup>3</sup>.

O quarto capítulo, por sua vez, é dedicado à análise e reflexão das entrevistas realizadas e transcritas, conforme a percepção dos entrevistados sobre o movimento indígena e questões relacionadas à sabedoria ancestral dos povos indígenas, sustentabilidade e as perspectivas para as gerações futuras. As considerações finais são apresentadas logo adiante, reunindo algumas informações sobre fatos que contribuíram para minha formação acadêmica e para a realização deste trabalho. Como complementação um epílogo com as transcrições das falas dos convidados indígenas que estiveram na banca examinadora do mestrado.

---

<sup>3</sup> As delegações são compostas por indígenas organizados por povo e/ou Estado.

## 2. PENSAMENTOS EM MOVIMENTO

Diante do contexto exposto neste ensaio acerca das mobilizações indígenas em prol dos seus direitos garantidos pela Constituição de 1988, não pude deixar de constar aqui um momento em que eu possa me colocar na perspectiva para a sustentabilidade dos povos indígenas, a partir de uma breve memória da minha vida em relação ao tema.

Meu pai Dzururã Xavante, filho de Isaias Butsé e Mercedes Ro'otsitsina, ficou conhecido como Mário Juruna, nascido na região de Couto Magalhães - MT, e crescido na Terra Indígena São Marcos - MT. Tive nove irmãos do primeiro casamento do meu pai uma Xavante, e um irmão do segundo casamento com minha mãe Doralice Carvalho.

Ele era cacique da Aldeia Namunkurá na Terra Indígena São Marcos, e percebendo que o povo Xavante estava tendo suas terras invadidas por fazendeiros, resolveu ir para cidade reivindicar ao governo que demarcasse as terras do povo Xavante. Teve como desafio aprender a língua portuguesa para dialogar com os governantes e fazer as exigências demandas pelo seu povo.

Após um período na cidade conheceu diversas pessoas ligadas a partidos políticos, fazendo perceber que estar inserido nessa área política poderia contribuir ainda mais com seu povo e outros povos indígenas. Na década de 1980, conheceu o Leonel Brizola do Partido Democrático Trabalhista (PDT), que incentivou a carreira política do Juruna no partido.

Juruna foi Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro em 1982, onde pode dar visibilidade às questões indígenas em âmbito nacional e internacional, oportunizando ao governo uma melhor atuação pela consolidação dos direitos dos povos indígenas. Sempre levava consigo um gravador para registrar tudo o que os políticos diziam, e constatar que as autoridades, na maioria das vezes, não cumpriam a palavra.

“É impossível pensar o Brasil moderno sem a presença emblemática e fundamental de Juruna e de seu gravador, de sua insistência para que os políticos falassem a verdade, de sua cobrança quase obsessiva para que os governantes cumprissem suas promessas. No Brasil e no exterior, Mário Juruna foi um deputado incansável na defesa dos povos indígenas. Com sua ação parlamentar, ele ajudou a fundar o Brasil contemporâneo, esse que está preocupado com a ética, os bons costumes e a honestidade na política e nas instituições”. (NEVES, Presidente da Câmara dos Deputados. 2002)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Nota oficial sobre o falecimento do ex Deputado Federal Mário Juruna, ver mais: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/NAO-INFORMADO/21243-PARA-AECIO,-ELEICAO-DE-JURUNA-FOI-FATO-HISTORICO.html>



Nasci durante o mandato do meu pai em 1985 na cidade do Rio de Janeiro, em 1986 mudamos para Brasília-DF, aqui ele tentou se reeleger, mas não obteve os votos necessários para estar por mais quatro anos no Congresso Nacional. Essas são memórias das diversas conversas sobre a trajetória do meu pai, pois para mim o Juruna antes de ser Deputado Federal, (o indígena que debatia com o governo sobre os direitos dos povos indígenas), ele é meu *imama*<sup>5</sup>.

A minha transformação aconteceu de maneira gradativa, medida que fui obtendo as transmissões dos conhecimentos e valores culturais, embora até então não tivesse nenhum comprometimento e nem noção dos problemas sobre as questões indígenas.

Meu pai sempre dizia: “meu sangue *a’uwe utabdi* corre em suas veias”<sup>6</sup>. Neste sentido aprendi que mesmo residindo na cidade tenho o compromisso e responsabilidade em contribuir com meu povo *A’uwe*, e com os povos indígenas, a exemplo de meu pai, que foi para cidade buscar melhoria para seu povo, mas que contribuiu com outros povos.

É neste sentido que tenho meu genitor como a fotografia mais marcante da minha vida no que diz respeito ao movimento indígena, pois lutou mesmo tendo muitos limites como a língua e a escrita, mas isso não o impediu que continuasse, pois ele acreditava que poderia fazer e fez. Ainda mais porque não se corrompeu com as regalias que lhe ofereciam, tampouco se deixou influenciar pela corrupção política do país. Foi com esse viés de ética e moral que tive meus ensinamentos.

Meu *imama* faleceu na cidade de Brasília em 17 de junho de 2002, quando eu estava com 16 anos de idade. Antes de ser levado para Terra Indígena São Marcos, seu corpo foi velado no dia 18 no Salão Negro do Congresso Nacional, ocasião em que pude perceber as inúmeras amizades e pessoas simpatizantes ligadas não somente ao Juruna (ex-Deputado Federal), mas na própria causa indígena que ele tanto defendia.

Estiveram presentes também, alguns membros da minha família *A’uwe*, que estavam morando na ocasião em Brasília para acompanhar meu pai que já vinha alguns anos apresentando problemas de saúde. Também estavam presentes alguns amigos do meu pai com os quais convivi, como o sertanista Cláudio Romero, os parentes e lideranças indígenas Álvaro Tukano, Raoni Metuktire e muitos outros indígenas e pessoas que

---

<sup>5</sup> Significa “pai” na língua Xavante.

<sup>6</sup> *A’uwe* é como nos autodenominamos, *utabdi* significa “autêntico/verdadeiro”.

atuavam junto com ele visando melhoria aos povos indígenas, e inúmeros políticos da casa do governo<sup>7</sup>.

Foi neste momento que percebi que meu pai, além do que eu enalteço de fotografia paterna, ele foi companheiro de muitos outros povos pela luta dos direitos dos povos indígenas. Inesquecível ver Raoni Metuktire sentado no chão, pelo lado de fora do Salão Negro, fumando seu cachimbo e olhando ao horizonte da Esplanada dos Ministérios, pensando não sei ao certo em que ou no que. Quando passei ao seu lado, Raoni só desviou o olhar para mim e me olhou firmemente. Naquele momento foi desnecessário palavras, percebi que a mesma dor que sentia da perda do pai, ele estava sentido de um amigo de causa, pela qual tantas vezes lutaram juntos. Raoni exaltou que o trabalho de Juruna precisava ter continuidade e se comprometeu em continuar lutando na defesa dos povos indígenas. Já Álvaro Tukano disse que deveríamos ter força, pois Juruna foi e é um exemplo, e o povo indígena precisava continuar a lutar pelos seus direitos<sup>8</sup>.

Com o tempo mudei meu pensamento sobre Mário Juruna para além da fotografia paterna que executava plenamente o ensinamento educacional, cultural, ambiental e social. Mas que isso, pois na verdade o que ele fazia era o repasse da sustentabilidade para valorização cultural do povo. Ele dizia que se pode fazer, que faça! Dizia também que estava me criando de forma diferente, pois acreditava que um dia eu poderia contribuir *“você vai ter que ajudar sua família, e ajudar seus parentes, por isso eu quero que você continue estudando, para conhecer ainda mais desse mundo branco e usar esse conhecimento em favor dos povos indígenas”*. Tudo isso tenho refletido há muitos anos, sobre o que fazer, e quando fazer.

Em 2004 fui para Dourados-MS e lá ingressei no curso Serviço Social em 2005. Durante o período de 2004 a 2010 em que fiquei em Dourados, tive a oportunidade conhecer os parentes que vivem na região do Cone Sul. Visitei algumas aldeias como a Panambizinho, Lima Campo, Dourados, Amambai, Passo Piradju Tekue, e região na Pantaneira e aldeias do povo Terena, Cachoeirinha, Anastácio, Água Branca.

Fiz trabalho voluntário com as crianças indígenas em situação de desnutrição no Hospital da Missão Kaiowá, localizado na Reserva Indígena de Dourados, na Aldeia

---

<sup>7</sup> Notícias da Rádio Câmara, com depoimentos de lideranças indígenas Raoni Metukire, Marcos Terena, Álvaro Tukano, e de políticos como Marina Silva. Ver mais:

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/ULTIMAS-NOTICIAS/315001--MORRE-O-EX-DEPUTADO-E-CACIQUE-MARIO-JURUNA--12:05.html> e

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/ULTIMAS-NOTICIAS/315000--MORRE-CACIQUE-E-EX-DEPUTADO-MARIO-JURUNA.html>

O palavra “parente” que coloco neste trabalho, é um termo que usamos como referência a outro indígena, que não necessariamente tenha algum laço familiar.

<sup>8</sup> Idem 13.

Jaguapiru, durante um ano. Posteriormente, fiz o estágio curricular de Serviço Social durante dois anos no Centro de Referência de Assistência Social da Aldeia Bororo (CRAS-Indígena), posteriormente na Coordenação Regional de Dourados (FUNAI) além de outros estágios curriculares em outras instituições.

Durante a graduação comecei atuar em mobilizações como no Movimento Estudantil do Serviço Social, no Movimento dos Acadêmicos Indígenas do Mato Grosso do Sul. No ano de 2008 comecei minha participação em mobilizações e eventos indígenas de âmbito nacional como Acampamento Terra Livre. Nesta época, por causa das mobilizações dos acadêmicos indígenas do Estado, comecei também a atuar com a juventude indígena. Tive muita experiência com a juventude e penso que isso se deve por ter perdido meu pai durante minha juventude, fase em que aprendi muito com ele, vivenciando sua luta, refletindo sobre os acontecimentos e recebendo aprendizado através dos conhecimentos tradicionais. Por isso, fico mais atenta a essa fase da vida, onde nós jovens aprendemos os ensinamentos para nossa vida adulta. Desde então venho participando de diversas mobilizações indígenas buscando compreender sua dinâmica e a importância de sermos os protagonistas nas questões que nos dizem respeito. Tenho percebido que as realidades são diferentes e relacionadas à diversidade dos povos indígenas que existem nesse país. Realidades diferentes, povos diversos, porém com muitos anseios que convergem para objetivos comuns, unindo povos na luta por seus direitos.

Assim como a vida, penso que a sustentabilidade permeia por muitas fases, para alguns está ligada à cultura, para outros ao meio ambiente, à natureza, ou até mesmo a sustentabilidade é todo o conjunto necessário para o *bem viver* dos povos indígenas. Antes mesmo de participar das mobilizações nacionais onde participam povos indígenas de diversos Estados do Brasil, comecei a perceber a diversidade durante a infância e tenho essa percepção a cada dia que se passa. Tive contato com outros povos durante viagens aos Krahô na Aldeia do Rio Vermelho no Tocantins, dos Karajá e Tapirapé da Ilha do Bananal, dos Kaingang da Aldeia Apucaninha e São Gerônimo do Estado do Paraná, na região do Alto Rio Negro - AM, povos Baniwa, Yanomami e Tukano, os Tupinambá de Olivença - BA, os Guarani Mbyá da Aldeia Rio Silveira - SP.

Considerando a diversidade de povos indígenas do Brasil e retomando as os conhecimentos e saberes tradicionais repassados por meu pai, na perspectiva da sustentabilidade Xavante, e de outras formas que agregassem outros conhecimentos não indígenas, vale ressaltar o esforço de diversos indígenas que buscam qualificar o diálogo entre as lideranças indígenas, em seus anseios comuns, com o governo federal, elementos que caracterizam estas mobilizações. É nesse viés de diversidade de povos e mobilizações,

que este trabalho e vídeo demonstram a visão de alguns indígenas que participaram do IX Acampamento Terra Livre, referente ao movimento indígena, sabedoria ancestral, sustentabilidade mensagem às novas gerações indígenas.

### 3. METODOLOGIA

Duas técnicas da pesquisa social foram utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho: a observação participante e entrevista semiestruturada. Segundo Gil (1999), a observação participante consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, a observação foi dos membros que participaram do IX Acampamento Terra Livre (ATL). A entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que foi utilizada por meio de seleção prévia de perguntas orientadoras. Como destaca por Gil (1999), a entrevista semiestruturada permite o desenvolvimento mais flexível da entrevista, e é uma forma de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

O procedimento metodológico para a documentação das entrevistas foi o seu registro audiovisual. Este registro foi utilizado para triagem das informações das entrevistas, com posterior transcrição das informações bem como para elaboração de um vídeo que documentou a opinião dos indígenas entrevistados durante a realização do IX Acampamento Terra Livre/2012.

A primeira parte do trabalho tratou de alguns momentos observados durante o IX Acampamento Terra Livre (ATL), desde a chegada das delegações, das atividades programadas, da participação de diversos parentes, bem como dos resultados desta mobilização. As respostas e percepções dos entrevistados que participaram da IX edição do ATL serviram para a contextualização e fundamentação do vídeo questões sobre a participação no movimento indígena, a sabedoria ancestral, das violações aos direitos dos povos indígenas e a preocupação da continuidade da sustentabilidade para novas gerações, além dos seguintes questionamentos:

- O que é o movimento indígena?
- Como está organizado o movimento indígena?
- O que é o Acampamento Terra Livre (ATL)? E qual a importância do ATL para o movimento indígena?
- O que é sabedoria ancestral?
- Qual a importância da sabedoria ancestral para o movimento indígena?
- O que você entende por sustentabilidade?
- Recado para indígenas e/ou jovens indígenas sobre o movimento indígena.

Para melhor acompanhar todo o processo de chegada dos parentes, cheguei ao local quinze dias antes do início do evento, período em que pude estar com os organizadores ligados à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e conversar sobre a proposta do trabalho do mestrado, e das intenções de participar de mais um Acampamento Terra Livre.

### 3.1 TRAJETO DAS ENTREVISTAS

Procurei selecionar os indígenas para as entrevistas em função da: a) diversidade de gênero geracional (homens, mulheres, jovens, adultos e pessoas mais velhas); b) representatividade regional e c) pessoas com e sem experiência, algumas que estavam participando de eventos pela primeira vez. Ao total 16 indígenas foram entrevistados.

Chegar antes do início do evento, possibilitou a observação dos parentes e conhecimento prévio dos locais onde poderiam ocorrer as entrevistas. O local de alojamento dos participantes do IX Acampamento Terra Livre foi na Marquês de Sapucaí (Sambódromo), o local do evento foi na Cúpula dos Povos no Aterro do Flamengo. A chegada dos parentes ao Rio de Janeiro para a mobilização iniciou no dia 14 de junho. Somente no dia 17 iniciei as entrevistas, pois todos os parentes estavam interessados em participar do Acampamento Terra Livre e de outros eventos que ocorreram paralelamente a Rio+20. No geral, desenvolver este trabalho não foi um processo fácil, pois tive que observar a dinâmica do evento e procurar os momentos de intervalo para conversar com os entrevistados sobre a proposta do trabalho e sobre o objetivo do registro audiovisual. De acordo com a disponibilidade de cada um foram sendo agendadas e realizadas as entrevistas.

Este foi um processo tenso, pois estava me colocando não como uma indígena militante que participa do ATL desde 2008, mas sim como indígena pesquisadora, ligada à academia com o viés de compreensão diferente da minha lógica de pensar. A pesquisa realizada me fez perceber que alguns termos aqui apontados muito se difere da lógica dos cientistas e pesquisadores, ainda mais quando os parentes indígenas falam o que são esses termos na visão e nas perspectivas deles.

As entrevistas foram gravadas por uma câmera de vídeo, cedida pelo Laboratório de Línguas Indígenas (LALI), da Universidade de Brasília (UNB), e uma máquina digital de uso pessoal. Inicialmente todas as filmagens de registro seria realizada por mim, mas tive o apoio em dois momentos para registro, que será tratado logo mais neste item.

Sobre a negociação do direito de uso de imagem, foi tratada da seguinte forma. Ao explicar sobre o objetivo do registro e como ocorreria a entrevista, expliquei que as imagens seriam utilizadas especificamente para o trabalho de conclusão de curso, e assim foram autorizadas pelos entrevistados. Salvo três entrevistados Raoni Metuktire, Davi Yanomami e Aldamir Sateré Mawe que durante o registro pediram que as entrevistas fossem usadas de forma generalizada de maneira que pudessem contribuir para a causa indígena, além do uso neste trabalho. Outro compromisso firmado foi de enviar o material escrito, o vídeo final, e a parte específica de cada entrevista realizada com os parentes, assim que apresentado à examinadora do curso, para que possam ter a devolutiva da colaboração nesta pesquisa.

As primeiras entrevistas foram marcadas para acontecer no dia 17, na Cúpula dos Povos, com Ismael Morel Guarani Kaiowá, do Estado do Mato Grosso do Sul, e com Hensu Kamekwa Xerente, do Estado do Tocantins. Ambos me pediram que a entrevista ocorresse à noite, pois não teriam atividade na programação. Assim, fui para o Sambódromo local onde fiz as entrevistas.

Ismael Morel Guarani Kaiowá é coordenador da Associação de Jovens Indígenas Guarani de Amambai (JIGA), e atua como professor de Educação Física, da Escola Indígena Mbo'eroy Guarani Kaiowá da Aldeia de Amambai, localizada próximo à fronteira Brasil/Paraguai. Ele estava participando pela primeira vez da nona edição do ATL, e por conta disso no início quando conversamos ainda na Cúpula dos Povos, Ismael disse que talvez não pudesse contribuir dando entrevista. Expliquei para ele que o objetivo do trabalho não é a experiência e sim o que ele pensa em quanto jovem indígena. Assim mais seguro ele aceitou dar a entrevista. Hensu Kamekwa Xerente é jovem e já foi cacique da Aldeia Ktepo, atualmente é coordenador da Organização Indígena Aldeia Ktepo Xerente (OIAKX), localizada próximo ao município de Tocantínia - TO. Desde 2008 participa de mobilizações nacionais, como o Acampamento Terra Livre e ficou entusiasmado em poder colaborar com o trabalho.

No dia 18, foram três entrevistados Maria da Conceição (Ceixa) Pitaguari, do Estado do Ceará, Raoni Metukire Kaiapó, do Estado do Mato Grosso, e Getúlio de Souza Guarani, do Estado do Mato Grosso do Sul. Ceixa é professora indígena, e responsável pelo Departamento de Mulheres Indígenas ligada a Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME). Conversei com Ceixa sobre o trabalho assim que ela chegou ao evento, no dia 15, e perguntei-a se poderia cooperar, aceitando o

convite. A entrevista ocorreu ao lado da tenda do ATL. O jovem Karanhim Metuktire Kaiapó me acompanhou na entrevista com Ceíça.

Na entrevista do Raoni, que foi realizada no final da tarde na Cúpula dos Povos, tive a colaboração do Karanhim que me perguntou se poderia filmar a entrevista com Raoni. Fui apoiada por Paimu Txucarramãe Kaiapó, que foi realizando a tradução das perguntas e das respostas de Raoni. A entrevista foi acompanhada por Gruakô Metuktire Kaiapó e Erlon Costa, colega do mestrado, que fizeram registros fotográficos da entrevista. Raoni é liderança indígena conhecida e respeitada pelos povos indígenas do Brasil, pela perseverança e histórico de atuação em prol dos direitos dos povos indígenas desde a década de 1970, e pela luta durante a Constituição Federal de 1988 para reconhecimento dos direitos aos povos indígenas. Ficou conhecido internacionalmente na década de 1980 por lutar contra a Usina Hidrelétrica de Belo Monte e é presidente do Instituto Raoni.

A entrevista com Raoni foi muito emocionante, me veio à memória o dia em que o vi sentado no chão no lado de fora do Salão Negro do Congresso Nacional, quando olhava o horizonte, durante o velório do meu pai. E, antes de iniciar, não pude deixar de relatar a minha consideração e sentimentos por ele em relação ao meu pai, e foi com esse agradecimento pela oportunidade que Raoni pediu que as imagens fossem repassadas aos jovens indígenas, e salientou a importância dos jovens indígenas valorizarem a cultura e conhecerem a história do povo que pertencem. Apesar da idade, Raoni luta firme e acredita que os jovens indígenas devem ouvir a sua voz e sua luta, podendo assim seguir o exemplo de um guerreiro Kaiapó, que visa o melhor para seu povo e demais povos deste país.

À noite no Sambódromo, foi realizada a entrevista com Getúlio Souza Guarani Kaiowá, liderança indígena morador da Reserva Indígena de Dourados no Mato Grosso do Sul, um ancião que também faz parte do Conselho dos Guarani Kaiowá. Seu Getúlio levou um de seus netos de seis anos de idade, para o Acampamento Terra Livre, e sempre quando vai em mobilizações indígenas levando um de seus netos. Foi interessante o porquê e a resposta do Sr. Getúlio por ter levado seu neto para o Acampamento Terra Livre, dizendo-me que “eu penso no futuro”, evidenciando a preocupação, assim como Raoni com o futuro das gerações indígenas.

No dia 19, fiz duas entrevistas na Cúpula dos Povos, com Edilena Torino, do povo Krikati do Estado do Maranhão. Ela é liderança e professora indígena, já atuou na União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB) e, atualmente, está mais focada nos movimentos de base. A outra entrevistada do dia foi Alana Keline Manchineri, do Estado do Acre, jovem indígena acadêmica do curso de Biologia pela Universidade Federal do Acre



(UFAC), filha de liderança indígena Elcio Manchineri, mas conhecido como Toya. Foi a primeira participação de Alana no Acampamento Terra Livre e disse que recentemente se interessou em participar das mobilizações indígenas por conta da linha de pesquisa que tem realizado na graduação.

No dia 20, duas entrevistas foram realizadas no local do Acampamento Terra Livre. A primeira foi com Aldamir Sateré Mawé da região de Parintins, estado do Amazonas, e Antônio Cirilo Truká (Antônio Chico) de Pernambuco. Outra entrevista foi realizada no Sesc Copacabana com o Winti Suyá Kisêdjê, do Parque do Xingu, estado de Mato Grosso. Aldamir Sateré Mawé é estudante de administração, trabalha como artista plástico pela valorização da cultura através dos artesanatos de seu povo. Disse que em breve seu pai estará passando o cacicado para ele. Aldamir ficou muito agradecido pela entrevista e citou que acreditava que poderia contribuir com sua visão, relacionada à sabedoria ancestral e valorização da cultura, pelo respeito e continuidade da luta de muitas lideranças que lutaram e que lutam pelo direito dos povos indígenas. O Sr. Antônio Chico é um ancião e liderança do povo Truká. Quando perguntei se ele poderia colaborar com o trabalho, ele respondeu “eu não sei ler nem escrever”. Disse-lhe que para colaborar não precisaria saber ler ou escrever, somente conversar sobre o que ele pensava sobre movimento indígena e assim fizemos nosso diálogo. Foi uma satisfação conhecer um ancião que tem a visão de que tudo está ligado na força dos encantados e na fé, dizendo no final da entrevista *“são vocês jovens que vão tomar conta, tem que ser dominante, já relutei muito e estou muito cansado, estou com 84 anos, 08 meses e 25 dias hoje, viu... e boa sorte para você e muito prazer”*.

A última entrevista aconteceu de noite no Sesc Copacabana, quando conversei com Winti Kisêdjê sobre o trabalho, ele pediu para que fizéssemos de noite fora da programação do Acampamento Terra Livre, e como ele estava acompanhando alguns cineastas indígenas do Vídeo das Aldeias, pediu que os acompanhasse até o local da amostra dos filmes feitos pelos indígenas. Fizemos a entrevista no saguão que antecede a sala de cinema do Sesc Copacabana. Winti é presidente da Associação Terra Indígena do Xingu (ATIX) e atua nas mobilizações do Parque Nacional do Xingu. Disse-me que já tinha visitado outras edições do ATL, mas que recentemente está se interessando em acompanhar e contribuir nas mobilizações nacionais, podendo compartilhar seus conhecimentos e aprender com outras realidades indígenas.

No dia 21 foram realizadas seis entrevistas, sendo quatro delas na Cúpula dos Povos com Francisca Marciane, do povo Tapeba, Davi Kopenawa, do povo Yanomami, Marcos Campos (Sabaru), do povo Tingui Botó, Tabata Kuikuro. As outras duas foram realizadas no

Galpão da Cidadania com Augusto Silva, do povo Kaingang, e no Sambódromo com Damião Paridzané, do povo Xavante.

Marciane Tapeba é do Estado do Ceará e acompanhou o movimento indígena junto com seu bisavô. É considerada uma liderança jovem do seu povo e inicia uma militância no movimento de juventude indígena em âmbito nacional. Quando perguntei a ela se poderia colaborar com o trabalho do mestrado, através de uma breve conversa, Marciane disse que sim, pois para ela as mobilizações indígenas proporcionam a troca de experiências e a entrevista iria possibilitar essa troca. Davi Yanomami é do Estado de Roraima, liderança indígena conhecido no Brasil e no exterior, que já recebeu o Prêmio Ambiental Global 500 das Organizações das Nações Unidas (ONU) em 1989, é presidente da Hutukara Associação Yanomami. A conversa com Davi foi interessante, pois ele abordou a sustentabilidade de acordo com sua visão Yanomami entre a natureza e o ser Yanomami, pediu que a entrevista pudesse chegar principalmente aos jovens indígenas que têm muito para aprender com os mais velhos.

Marcos Sabaru, do povo Tingui Botó, do Estado de Alagoas, é Coordenador da Micro-região Alagoas - Sergipe/APOINME, e Conselheiro Distrital de Saúde. A entrevista com Sabaru aconteceu somente no último dia, apesar dele ter sido contatado no primeiro dia, ocasião em que ele disse que não daria entrevista, porque considerava que durante o ATL tinha pessoas mais qualificadas que ele para dar as respostas. Como tenho com Sabaru uma relação de muita amizade, no último dia, comentando com ele as entrevistas que já haviam sido realizadas, particularmente as falas do ancião Truká sobre os encantados e outros, Sabaru percebeu a importância de conhecer a visão dos parentes e da diversidade de pensamentos, principalmente, das falas marcantes de lideranças anciãs como Raoni, Antônio Chico e Davi, pensando quais são as nossas perspectivas de sustentabilidade e de qual movimento indígena estamos fazendo e queremos. Foi nesse instante que Sabaru mudou de ideia e disse: *“Xavante, vamos lá eu também quero contribuir, porque eu acredito no movimento indígena, e penso que a luta não deve acabar, pois muitos parentes morreram acreditando na melhoria da garantia de nossos direitos, e eu também acredito”*. Assim que terminei a entrevista com Sabaru, o parente Tabata me perguntou o que eu estava fazendo conversando com parentes. Eu expliquei-lhe qual o objetivo das entrevistas e o porquê do registro audiovisual. Ele disse que queria colaborar também e, assim, realizei a entrevista. Tabata é do povo Kuikuro do Parque Nacional do Xingu, estado de Mato Grosso.

Até este momento já havia realizado 14 entrevistas, faltando conversar com indígenas da região sul do país. Tentei entrevistar Romancil Cretã Kaingang que é da

Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul (ARPINSUL), pois ele poderia abordar como surgiu a mobilização Acampamento Terra Livre, visto que o acampamento que foi iniciado por uma manifestação dos indígenas da região sul do país em Brasília - será tratado no item Acampamento Terra Livre. Entretanto, não tive sucesso em conversar com Cretã, uma vez que havia tentado entrevistá-lo no alojamento, mas ele sempre estava em reunião ou na plenária do ATL. Porém, ele sugeriu que conversasse com o seu Augusto da Silva Kaingang, uma liderança antiga e respeitada na região sul pelos Kaingang e por outros povos indígenas. Por isso, fui ao Galpão da Cidadania durante a noite, para encontrar o seu Augusto que tinha ido prestigiar a homenagem a Raoni Metuktire durante o Seminário sobre o Plano Setorial de Culturas Indígenas, pela 4ª edição do Prêmio Culturas Indígenas “Raoni Metukire”. Conversei com seu Augusto sobre o objetivo do trabalho que estava fazendo e, gentilmente, colaborou e concedeu-me a entrevista.

Após esse momento, segui para o alojamento no Sambódromo com os demais indígenas, para me despedir dos parentes que já estavam retornando para suas bases, pois já era o último dia de Acampamento Terra Livre. Chegando lá consegui fazer a última entrevista deste trabalho com cacique Damião Paridzané Xavante, da Aldeia Maraiwatsédé, do Estado do Mato Grosso. Eu já tinha desistido de entrevistá-lo, pois fui por duas noites no alojamento encontrar com ele, conforme a sugestão do próprio cacique, mas ele já chegava muito cansado das atividades do dia e, por isso, muito cansado para dar entrevista. Acompanhei também por um dia sua agenda intensa de participação no Acampamento Terra Livre, mas também de mobilizações paralelas ao evento para manifestar sobre o caso Maraiwatsédé junto com outros Xavante<sup>9</sup>. Ao me despedir do cacique, ele me perguntou se ainda queria fazer a entrevista, respondi que sim.

Após todo registro em audiovisual, fiz as transcrições das entrevistas que foram usadas no desenvolvimento deste trabalho. Os relatos foram usados como fonte primária sobre as percepções dos parentes do movimento indígena, Acampamento Terra Livre, sabedoria ancestral e perspectivas para a juventude. O resultado foi um material bruto audiovisual de 03 horas e 45 minutos.

Na fotografia 1 abaixo relata dois momentos diferentes da plenária do IX Acampamento Terra Livre “A Salvação do Planeta Através da Sabedoria Ancestral dos Povos Indígenas”, um durante a apresentação de dia no primeiro dia de evento, e a outra na plenária de noite. Já na fotografia 2, demonstra imagens do alojamento dos participantes do ATL na Marquês de Sapucaí (Sambódromo).

---

<sup>9</sup> Ver mais: <http://maraiwatsede.wordpress.com/2012/06/22/uma-nova-promessa-na-rio20/>



Fotografia 1. Imagens da plenária do IX Acampamento Terra Livre, na Cúpula dos Povos, durante o dia e a noite.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.



Fotografia 2. Imagens do alojamento, Marques de Sapucaí (Sambódromo).  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

### 3.2 CONSTRUINDO ALIANÇAS PARA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

A mobilização para produção audiovisual aconteceu desde o mês de abril/2012 quando conversei com Bruno Pacheco<sup>10</sup> e o informei sobre o objetivo do trabalho e da proposta do vídeo. O foco desta conversa foi pedir apoio para liberação das imagens dos registros dos ATL anteriores, filmados por ele, bem como do ATL/2012 que também seria registrado por ele. O vídeo foi a melhor alternativa de devolver aos povos indígenas o produto de um trabalho acadêmico, o qual na maioria dos casos se circunscreve a textos escritos, moldados pela linguagem acadêmica, às vezes de difícil acesso e compreensão. Bruno Pacheco então liberou e autorizou as imagens solicitadas.

Durante o IX Acampamento Terra Livre, além do apoio de Bruno Pacheco, tive em dois momentos específicos o auxílio do jovem parente Karanhim Metuktire Kayapó, que fez

<sup>10</sup> Atua como consultor e produção em audiovisual para organizações indígenas. Registrou em audiovisual o Acampamento Terra Livre desde 2008, e atualmente trabalha no Museu do Índio da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

a filmagem das entrevistas com Raoni Metuktire Kayapó e Maria Conceição Pitaguarí - já relatado no item anterior. Após este momento de registros das entrevistas no mês de junho no Rio de Janeiro, iniciei o processo para edição do vídeo no mês de agosto.

Inicialmente, pensei em diversos cineastas indígenas que, através do Vídeo nas Aldeias<sup>11</sup>, fazem cursos sobre produção de vídeos. Pensei desta forma em valorizar o profissional indígena, que atua com documentação audiovisual. Porém, não obtive sucesso no contato com estes cineastas. Por sugestão da minha orientadora contatei o parente Guarani Mbyá, Carlos Papá, da Aldeia Rio Silveira – SP para edição do vídeo.

A edição do vídeo ocorreu em três etapas. A primeira consistiu na ida até a aldeia Rio Silveira - SP para conhecer e ver a possibilidade da edição do produto pelo parente Carlos Papá, que aceitou e apoiou o projeto. A segunda etapa ocorreu entre os meses de setembro e novembro de 2012 em que retornei a aldeia Rio Silveira para dar continuidade à edição do vídeo. A terceira etapa da edição do vídeo baseou-se novamente na ida a aldeia para a finalização do vídeo. A edição do vídeo contou ainda com a participação das colaboradoras, Joice Dias e Nadja Marim, no total de 25 dias de trabalho, acompanhando este processo.

Do material bruto das entrevistas de 03 horas e 45 minutos, resultou em um vídeo editado com a duração de 13 minutos, que traz algumas das falas dos entrevistados, fotos e imagens que contextualizam a pesquisa realizada no IX ATL, seguindo o roteiro de entrevista previamente elaborado.

Na fotografia 3, foi tirada na primeira viagem a Aldeia Rio Silveira-SP durante a recepção da família do Carlos Papá quando tratávamos da aliança para a edição do vídeo.

---

<sup>11</sup> Criado em 1986, Vídeo nas Aldeias (VNA), é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha. Ver mais: (<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php>)





Fotografia 3. Samantha Ro'otsitsina, Carlos Papá, Cristine Takuá e Mirim Dju (filho do casal), Aldeia Rio Silveira.  
Autora: Desconhecido.  
Data: 2012.

#### 4. MOVIMENTO INDÍGENA: BREVE HISTÓRICO

O histórico das manifestações indígenas no Brasil pela garantia de direitos tem destaque na ditadura militar por volta dos anos de 70, momento em que os povos indígenas começaram a ter maior espaço no contexto da sociedade civil, devido à visão mais politizada em apontar e discutir a questão indígena.

Neste estudo, adotamos a definição de movimento indígena, conforme Luciano (2006), para o qual:

“Movimento Indígena, segundo uma definição mais comum entre as lideranças indígenas, é o conjunto de estratégias e ações que as comunidades e as organizações indígenas desenvolvem em defesa de seus direitos e interesses coletivos. Movimento indígena não é o mesmo que organização indígena, embora esta última seja parte importante dele”. (LUCIANO, 2006. p. 58).

Ao abordar o movimento indígena na contemporaneidade não podemos nos limitar somente ao que ocorre na atualidade, mas sim destacar alguns aspectos históricos que contribuíram para as mobilizações ocorridas no Brasil em prol da luta dos povos indígenas. Assim, de acordo com Matos (1997):

“Na década de 70, durante o processo de organização do movimento pan-indígena, o índio passou a adquirir uma nova imagem, dentro do contexto político e ideológico nacional. Ele deixou de ser visto simplesmente como o “outro” exótico dos brasileiros e passou a ser percebido como um “outro” ator político, com direitos à participação na sociedade e na política nacional”. (MATOS, 1997: 16)

Conforme observado por Matos (1997), as diversas manifestações que vinham acontecendo no Brasil no que diz ao o movimento indígena<sup>12</sup>, destacaram-se pelas participações de indígenas nas assembleias e encontros<sup>13</sup> promovidos pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) que acontecia nas cinco regiões do Brasil. Essas iniciativas tiveram como finalidade possibilitar aos indígenas discutir problemas comuns entre diferentes povos indígenas, de modo que os permitiam conhecer outras realidades e lutar em prol de seus direitos.

---

<sup>12</sup> Maria Helena Ortolan Matos destaca a ampliação do movimento indígena no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, em sua tese “O processo de criação e consolidação do movimento pan-indígena no Brasil (1970-1980)” (Matos 1997). Mas este trabalho não irá trabalhar com o termo “pan-indígena”, e sim com as manifestações dos povos indígenas.

<sup>13</sup> O CIMI realizou entre os anos de 1974 a 1984, 57 eventos com a participação de 90 povos indígenas (cf. MATOS, 1997).



O apoio dado pelo CIMI incentivava o protagonismo indígena, de maneira que as lideranças conhecessem melhor a questão indígena, pontuando as possíveis soluções, em diálogo com e nas comunidades, essencial para quaisquer transformações que viessem a acontecer com os povos envolvidos nessas iniciativas. Essa necessidade foi exposta não só nos primórdios do movimento tradicional informal, mas também na atual conjuntura do movimento indígena, pois:

“Era necessário investir mais na formação política dos líderes indígenas e de suas comunidades. [...] o CIMI incentivou as comunidades indígenas a dotarem instrumentos de análise que lhes permitissem avaliar não apenas a realidade interétnica, como também o próprio movimento indígena, principalmente seus líderes e organizações.” (MATOS, 1997:101)

Nesse contexto, não podemos desconsiderar essa mobilização dos povos indígenas como movimento social, pois são “questões indígenas”, cujos atores sociais lutam pela garantia e consolidação de direitos em favor do coletivo. Segundo Matos (1997), analisar o movimento indígena como movimento social é considerar esta inserção no contexto político das lutas sociais dentro do Estado. A década de 1980, por sua vez, foi marcada com promulgação da nova Constituição Federal, cujos artigos 231 e 232 alavancaram a “questão indígena” perante a sociedade brasileira, visto que a maioria da população indígena desconhecia seus direitos. Com a Constituição de 1988, “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL 1988: 37).

A mudança que vem acontecendo desde a década de 70 desencadeou uma série de mudanças no movimento indígena com a criação de organizações formais, como associações, organizações, articulações, entre outras. São por meio destas formas de organização política que os povos indígenas têm sido representados perante as instituições governamentais<sup>14</sup>. A apropriação dessas formas de organização e articulação políticas tornou-se uma das estratégias de atuação dos povos indígenas, já que:

---

<sup>14</sup> A primeira organização indígena nacional, União das Nações Indígenas (UNIND), foi criada em 1980, com a participação de indígenas com projeção nacional: Daniel Munduruku, Álvaro Tukano, Mário Juruna, Ângelo Kretã Kaingang, Marçal de Souza Guarani Kaiowá, Domingos Terena. Tendo como primeiro presidente da UNIND o parente Marcos Terena e Ailton Krenak. E no ano seguinte em 1981 a sigla mudou da organização mudou para (UNI). Desde então o movimento tem se manifestado também através de organizações indígenas, seja ela de âmbito local, estadual e nacional (cf. OLIVEIRA e FREIRE 2006).

“O modelo de organização indígena formal – um modelo branco – foi sendo apropriado pelos povos indígenas ao longo do tempo [...] Isto não significa tornar-se branco ou deixar de ser índio. Ao contrário, quer dizer capacidade de resistência, de sobrevivência e de apropriação de conhecimentos, tecnologias e valores de outras culturas, com o fim de enriquecer, fortalecer e garantir a continuidade de suas identidades, de seus valores e de suas tradições culturais.” (LUCIANO, 2006. p. 60)

Para os povos indígenas, as mudanças sociais e culturais ocorrem desde a colonização do país, porém o que mantêm a cultura e os conhecimentos vivos, bem como a sabedoria dos ancestrais, são justamente as memórias de cada povo e de cada indivíduo pertencente a ele, os quais guardam nas lembranças a história de seus antepassados.

As transformações que vêm acontecendo com o movimento indígena, seja ele formal ou informal, traz a preocupação no que se refere à sustentabilidade e à manutenção dos saberes ancestrais dos povos indígenas para futuras gerações. A Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano de 1972 considera a necessidade de inspiração e orientação nos povos indígenas para guiar os povos do mundo na preservação e na melhoria do meio ambiente, pois, segundo a declaração, o “homem é ao mesmo tempo criatura e criador do meio ambiente, que lhe dá sustento físico e lhe oferece a oportunidade de desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente”. (Declaração de Estocolmo, 1972). A partir dessa ocasião começou a ser delineada os três pilares do desenvolvimento sustentável: o social, o econômico e ambiental (cf. SACHS 2002). Desse modo, podemos observar que o desenvolvimento sustentável relacionado aos povos indígenas do Brasil tem um viés focado no pensamento sistêmico, isto é, a sustentabilidade, que será o termo abordado aqui na perspectiva dos povos indígenas.

Levando em consideração que muitos dos saberes dos indígenas contribuíram para a valorização do ambiente, inspirados pelo *bom viver/vida plena*,<sup>15</sup> onde os seres humanos compõem a diversidade do planeta, sendo que a natureza deve ser respeitada, valorizando assim a cultura. Conforme Sahlins (1997):

[...] a “cultura” não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam se essencialmente como valores e significados — significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. (SAHLINS, 1997:41).

---

<sup>15</sup> Declaração Final do IX Acampamento Terra Livre – Bom Viver/Vida Plena. Rio de Janeiro, Brasil, 15 a 22 de junho de 2012. Ver: <http://www.apib.org.br/ix-acampamento-terra-livre-3/>

Para os povos indígenas, os valores e significados com respeito à sustentabilidade estão relacionados com saberes ancestrais, muitos deles ligados à transmissão dos conhecimentos que são repassados de geração a geração. Logo, faz-se necessário reconhecer o movimento indígena nacional como uma das fontes de garantir a sabedoria ancestral em movimento, como a perspectiva para sustentabilidade dos povos indígenas, é incentivando as novas e futuras gerações a fazer a manutenção da cultura.

#### 4.1 ACAMPAMENTO TERRA LIVRE

O ATL organizado pela Articulação dos Povos indígenas do Brasil (APIB)<sup>16</sup>, acontece anualmente desde 2004 constituído como palco de mobilização para discutir sobre as violações dos direitos dos povos indígenas e para exigir do governo federal o cumprimento das leis existentes no Brasil e das leis que o país é signatário.

“Em 2004 a tão almejada nova “política indigenista” havia ficado no papel e o tratamento dado aos direitos indígenas teve a marca do desrespeito e da indiferença, quando não de retrocesso, aumentaram os atos de violência e o assassinato de lideranças. Vimos a paralisia da regularização das terras indígenas, a situação de caos na saúde indígena, a falta de implementação da educação escolar diferenciada, e não consolidação de programas de proteção, gestão e sustentabilidade das Terras Indígenas. Sob a influência de uma política indigenista marcadamente tutelista, autoritária, e antidemocrática, o Estado brasileiro mostrou-se mais uma vez incapaz de lidar com a pluralidade étnica do Brasil e de estabelecer as políticas públicas diferenciadas aos povos indígenas e organizações indígenas. No ano de 2004, por ocasião do “Dia do Índio”, lideranças indígenas distintas regiões do país iniciaram uma série de protestos em Brasília contra a política indigenista vigente na época, dando origem ao Acampamento Terra Livre e as articulações do movimento indigenista e indígena em prol dos Direitos Indígenas, “materializados no Fórum de Defesa dos Direitos Indígenas (FDDI), e na Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). (Trecho de abertura do DVD Acampamento Terra Livre: memória de seis anos de luta. 2009).

---

<sup>16</sup> As organizações que compõem a APIB são: Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), Articulação dos Povos indígenas do Pantanal e Região (ARPINPAN), Articulação dos Povos indígenas da Região Sudeste (ARPINSUDESTE), Articulação dos Povos indígenas da Região Sul (ARPINSUL), Grande Assembleia Guarani Kaiowá (ATY GUASU), Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

Ver mais: Org: HECK, Dionísio E.; SILVA, Renato. S. da.; FEITOSA, Saulo. F. Povos indígenas aqueles que devem viver: manifesto contra os decretos de extermínio. In: O movimento indígena por ele mesmo. Brasília: Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 2012.

Zé de Santa Xucuru, em depoimento para o “Acampamento Terra Livre: memória de seis anos de luta”, disse que o ATL antes chamado de Abril Indígena, teve seu início com a mobilização dos indígenas da região sul do país ligada a ARPINSUL. Eles fizeram um acampamento na Esplanada dos Ministérios em Brasília-DF, para reivindicar direitos ao governo vigente daquela época.

Segundo Rildo Kaingang (2009), o sentimento de invisibilidade em relação aos problemas enfrentados pelos povos indígenas, fez com que indígenas da região sul fosse para Brasília se manifestar. No final do acampamento de 2004 lideranças presentes dialogaram e refletiram sobre as estratégias da mobilização. Decidiram que no ano seguinte estariam de novo em Brasília para se manifestar e a cada ano a mobilização vem crescendo e conta atualmente com a participação das organizações ligada à APIB e de indígenas de todas as regiões. Para Uilton Tuxá (2009), o cenário ideal para demonstrar aos três poderes do governo que os povos indígenas existem e que querem zelar pelos seus direitos é na cidade de Brasília, que centraliza o poder de decisão dos governantes do país.

O senador Paulo Paim (2009) considera o momento sublime, em que a presença maciça dos povos indígenas mexe com a estrutura do poder e se alguém pensou que o ATL veio e depois terminaria não havendo continuidade, se enganou. A cada ano o movimento cresce mais e exige respeito e atendimento das suas propostas centrais.

Após seis edições o ATL reúne povos e culturas diferentes de todo o país para um rico intercâmbio de experiências, aspirações e demandas comuns. O ATL obteve como saldo maior, o fortalecimento da articulação do movimento indígena em nível nacional, esta valiosa contribuição impulsionou lutas conjuntas. Os desafios são muitos, dentre os quais se destacam a violação dos direitos territoriais dos povos indígenas, a criminalização de lideranças e comunidades, a implantação dos grandes empreendimentos que impactam as terras indígenas e a ofensiva de setores antiindígenas contra os direitos indígenas no Congresso Nacional. Diante desta situação, o movimento indígena, com apoio de entidades indigenistas e outros aliados, tem a perspectivas de reforçar suas iniciativas de organização, articulação e luta, visando a promoção e a defesa dos direitos fundamentais e originários dos povos indígenas do Brasil. (Trecho final do DVD Acampamento Terra Livre: memória de seis anos de luta. 2009)

Pensando na diversidade das culturas, nos conhecimentos e nos valores, o Acampamento Terra Livre que é a mobilização mais conhecida do movimento indígena brasileiro, teve como foco em 2012 a sustentabilidade dos povos indígenas. O IX Acampamento Terra Livre teve como tema para discussão, “A salvação do planeta através da sabedoria ancestral dos povos indígenas”. Foi uma das formas de os participantes se manifestarem pela valorização dos saberes tradicionais, dos conhecimentos transmitidos

pelos anciãos e anciãs, da ancestralidade que nos remete à cultura, relacionada à sustentabilidade e ao bem viver.

Em 2012, o Acampamento Terra Livre foi realizado entre os dias 15 a 22 de junho, e mudou de cenário da capital federal Brasília-DF, visando ter maior visibilidade perante a sociedade nacional e internacional, expondo-lhes a situação das violações dos direitos e as lutas dos povos indígenas do Brasil. O evento aconteceu no Aterro do Flamengo-RJ, junto a Cúpula dos Povos que foi promovido pela sociedade civil de diversos movimentos sociais, os quais ocorreram paralelos a Rio+20<sup>17</sup>.

O Acampamento Terra Livre/2012, teve sua mobilização através das organizações que realizaram sua nona edição e um chamamento através de uma carta “Chamado aos Povos Indígenas do Brasil e do Mundo”. Esta carta explica o objetivo do ATL acontecer no Rio de Janeiro, e da responsabilidade da APIB em relação aos participantes<sup>18</sup>.

É importante que todos, povos e organizações, articulem a sua participação no IX Acampamento Terra Livre, mobilizando-se na busca de apoio ao seu deslocamento para Rio de Janeiro. A APIB somente irá assegurar as condições necessárias de infraestrutura e logística no local do evento. O ATL acontecerá nas imediações do Aterro do Flamengo, de 17 a 22 de junho. Está estimada a participação de mais de 1.200 indígenas só do Brasil, aos que se juntarão lideranças de outros países, do nosso continente e do mundo. (Chamado aos Povos Indígenas do Brasil e do Mundo, 2012).

Para realização do IX ATL foram feitas alianças com o movimento indígena da América Latina, representado pela Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA), Coordenação Andina de Organizações Indígenas (CAOI) e Conselho Indígena da América Central (CICA). Teve como apoio Da Embaixada da Noruega, Fundação Ford, Conselho Missionário Indigenista, COICA, e parceria do Laced – Museu Nacional/UFRJ.

---

<sup>17</sup> Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio+20, evento que deu continuidade ao diálogo iniciado há 20 anos, chamado Rio 92 ou Eco 92.

<sup>18</sup> Ver mais em: <http://www.apib.org.br/chamado-aos-povos-indigenas-do-brasil-e-do-mundo/>

## 4.2 IMPRESSÕES DO IX ACAMPAMENTO TERRA LIVRE

A chegada das delegações indígenas, que vieram de todas as regiões do país para participar do IX ATL, se iniciou no dia 14 no Sambódromo Marquês de Sapucaí, local do alojamento dos participantes. No dia seguinte foi o momento da ida ao Aterro do Flamengo, para fazer o credenciamento e recepção das delegações que continuaram chegando até do dia 17.

No dia 15, na tenda do ATL aconteceram diversas manifestações culturais de boas vindas a cada chegada das delegações, momento de apresentação de cada uma delas e de informes dados pela APIB relacionados à contextualização do evento e formação de comissões (secretaria, limpeza, saúde, segurança, mística, memória e sistematização). A participação e a contribuição de todos os presentes foram de suma importância para andamento das atividades propostas, bem como do evento em si. Os dirigentes da APIB destacaram que o movimento indígena só acontece se houver união, colaboração, e respeito aos ancestrais pelos conhecimentos que transmitem, às lideranças e à valorização que a juventude indígena tem que ter a todo esse conjunto que compõem o movimento. Também ocorreu a leitura da programação do evento. Inicialmente a programação não foi seguida pois faltou alimentação para alguns dos participantes. De acordo com o *folder* da programação oficial do IX Acampamento Terra Livre constava momentos para: recepção e credenciamento; coletiva de imprensa dos organizadores; plenária de abertura; impactos e empreendimentos aos povos indígenas; casos emblemáticos sobre as violações dos direitos dos povos indígenas; encontro com povos indígenas da Abya Yala dirigentes indígenas do Brasil e da América Latina<sup>19</sup>. No dia 16 a programação se ateu à continuidade das apresentações das delegações, às explicações da APIB referente aos problemas da logística que foi feita para 1.200 participantes e que esta estimativa foi ultrapassada para 1.700, gerando problemas relacionados à alimentação necessária<sup>20</sup>.

Das diversas delegações que faziam suas apresentações, houve um momento interessante que causou ânimo aos participantes, que foi a chegada das lideranças indígenas Raoni Metuktire e Megaron Txucarramãe, da etnia Kayapó, do Estado do Mato Grosso, cujas lideranças são respeitadas pelo movimento indígena. Raoni Metuktire se destacou pela legitimação da luta pelos direitos não só do seu povo, mas da nação indígena mesmo antes dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, que trata sobre direitos dos Povos indígenas. Raoni Metuktire pediu aos coordenadores do ATL que

---

<sup>19</sup> Programação Anexo A, página 77.

<sup>20</sup> Sobre a quantidade de participantes ver: <http://www.apib.org.br/ix-acampamento-terra-livre-urgente/>

escrevessem uma carta para o governo federal, relatando que suas ações desrespeitam os povos indígenas e que os povos indígenas são contra essas ações. A liderança indígena finalizou dizendo que deveria ter muitos jovens que continuassem a luta, e que os mesmos têm que lutar sem medo, conforme demonstra o discurso de Raoni Metuktire transcrito abaixo:

“Sou contra que o governo faz as barragens nos nossos rios, sou contra desmatamento, estão matando minha caça, meu peixe. E meu filho o que ele vai comer? O que ele vai beber? Precisamos que estas nossas propostas cheguem no governo, pois é obrigação do governo nos ajudar, pois somos donos da terra, vamos escrever pois só assim ela vai escutar nossa voz”. (Raoni Metuktire, fala na plenária do dia 16 de junho, ATL/2012).

O momento foi oportuno, pois relembrou aos indígenas o real objetivo de estarem presentes nesta mobilização que é discutir problemas em comum, e poder pontuar os mais emergentes, fazendo com que seus direitos sejam consolidados.

No dia 17, com a logística reorganizada para atender a demanda dos 1.700 credenciados, foi possível ter um dia de atividades efetivo, mas com a programação modificada devido à solicitação dos indígenas. Na programação proposta pela APIB este dia seria destinado aos indígenas participarem das plenárias de convergências ou intersetoriais da Cúpula dos Povos, sugeridos a participar do Seminário sobre a Situação dos Direitos Indígenas no Brasil, espaço do Comitê Global (Fórum Permanente dos Povos indígenas – Organização das Nações Unidas (ONU)). Muitos indígenas, não satisfeitos com a programação, manifestaram-se em não participar durante o dia das atividades das plenárias, contestando que o local, no qual as questões indígenas a serem discutidas e tratadas, deveria ser onde estavam, isto é, no ATL, local específico para essa ação.

Outros questionamentos foram levantados e direcionados aos dirigentes da APIB, como foi o caso da delegação do Mato Grosso que manifestou a inquietação quanto ao tema principal do ATL - A salvação do planeta está na sabedoria ancestral dos povos indígenas, argumentando que a proposta temática não abarcava os problemas e realidades que os povos gostariam de discutir durante o evento Rio+20.

Ainda sobre a insatisfação de alguns participantes, Sônia Guajajara (COIAB) afirmou que o governo brasileiro é contra os direitos originários dos povos indígenas, que os conhecimentos e a sabedoria ancestral podem contribuir para a salvação do planeta, mas o governo não respeita e não tem tido a preocupação necessária em criar políticas específicas e adequadas para atender os povos indígenas do Brasil, no que se refere ao tema central do

IX Acampamento Terra Livre. Sônia Guajajara aproveitou o momento para informar que a programação do evento foi sugerida pela APIB, mas que diante da demanda de mudança, poderia ser modificada para que os participantes pudessem ser contemplados.

#### 4.3 ACAMPAMENTO TERRA LIVRE E AÇÕES NA RIO+20

Ainda no dia 17, Sônia Guajajara explicou os motivos que levaram a realização da IX edição do ATL no Rio de Janeiro, podendo também os parentes se manifestar sobre o que estava sendo dito informando que o ATL não estava na programação oficial da Rio+20. A Cúpula dos Povos foi um evento paralelo a Rio+20, organizado pela sociedade civil, de diversos movimentos sociais do mundo, no qual o movimento indígena preferiu participar junto com outros movimentos que demonstraram a indignação com o modelo de sustentabilidade, o qual os principais governantes dizem ser ideal para a sociedade.

Segundo Sônia Guajajara, os dirigentes da APIB estiveram acompanhando por seis meses no Rio de Janeiro para poder fazer o ATL acontecer e proporcionar a participação dos povos indígenas na Rio+20, mesmo sendo em um evento paralelo. O objetivo principal foi dar maior visibilidade no contexto nacional e mundial, no que se refere às violações dos direitos dos povos indígenas do Brasil, fazendo que outros segmentos sociais e governo vejam o que os povos indígenas estão querendo, que é a aplicabilidade dos direitos indígenas. Os objetivos do IX Acampamento Terra Livre foram:

- Intercâmbio de experiências, análise e informações sobre a crescente violação dos direitos indígenas, em consequência da crise do capitalismo, da economia verde, do neodesenvolvimentismo e seus impactos na vida dos povos e territórios indígenas;
- Debater propostas comuns, estratégias e agenda de lutas para o enfrentamento desse quadro;
- Contribuir com outras organizações e movimentos sociais na busca de novos paradigmas, de uma sociedade verdadeiramente democrática, sem discriminação social e cultural, ambientalmente justa, baseada no bem viver e vida plena dos povos indígenas;
- Fortalecer a articulação do movimento indígena em âmbito nacional e internacional;
- Expor à opinião pública, nacional e internacional, a situação dos direitos e as lutas dos Povos Indígenas. (Folder da programação: ATL, 2012)

Nesta edição do ATL, o respeito e valorização da sabedoria ancestral dos povos indígenas foram destacados, enfatizando que as políticas públicas devem ser consolidadas e também devem atender a demanda de acordo com a realidade indígena do país, pois:



“A APIB entende que os povos indígenas não podem mais serem vistos somente como portadores de valiosas manifestações culturais e espirituais, componentes do folclore nacional, inclusive, ou como fontes de sabedoria ancestral suscetível a ser explorada pelo mercado capitalista. O respeito aos povos indígenas requer valorizar a sua contribuição na formação social do Estado nacional e reconhecer o papel estratégico que os territórios indígenas têm desenvolvido milenarmente na preservação do meio ambiente, na proteção da biodiversidade e na solução dos problemas que hoje ameaçam a vida no planeta” (APIB, Rio de Janeiro: 2012).

Sônia enfatizou que é a força do movimento que traz a união e, mesmo o ATL não acontecendo no espaço oficial da Rio+20, não impedira que a demanda seja demonstrada, pois o ATL é o espaço legitimado para discutir sobre a questão indígena, pois sempre demonstra a indignação através do documento final. Que é entregue as autoridades do governo.

Sobre o ATL, Sônia disse ser este considerado a maior instância do movimento indígena do Brasil, por ser o espaço de deliberação que tem a participação das cinco regiões. Por isso, o documento final do ATL é orientador em relação à apresentação das principais demandas ao governo e que, nesta edição do ATL, deve-se repudiar a sustentabilidade demonstrada pelo Brasil para sociedade, afirmando que “a questão de sustentabilidade governamental não corresponde a nossa realidade, o código florestal, as usinas de cana de açúcar não condizem com nosso modelo de ser sustentável”.

Após essa explanação de Sônia, outros indígenas tiveram o momento para falar sobre o movimento indígena e alguns assuntos que estavam sendo tratados no Rio de Janeiro. Relaciono nos próximos parágrafos alguns dos indígenas que se manifestaram durante o dia 17 no ATL e suas contribuições:

Megaron Txucarramãe falou do perigo do agrotóxico que os agricultores lançam nas plantações nas fronteiras com as terras indígenas, prejudicando a terra e a água para os povos que vivem nesses limites. Na ocasião parabenizou a APIB pela organização e empenho para acontecer o ATL, mostrando assim aos governantes as demandas e melhores soluções de acordo a realidade de cada povo.

Getúlio Guarani Kaiowá relatou sobre a não preservação do meio ambiente na região do Mato Grosso do Sul e da preocupação Guarani Kaiowá em proteger o que ainda tem de recursos naturais, pois as usinas de cana de açúcar e plantações de soja estão acabando o que ainda resta. Enfatizou a importância da demarcação de terras indígenas para que tenham o território protegido.

Ubiracy Pataxó abordou a questão da política partidária, uma vez que para ele é necessário ter políticos indígenas no congresso nacional para que possam auxiliar na proteção e nas políticas públicas que atendam às demandas dos povos indígenas, e também que os indígenas ocupem espaços em órgãos públicos que trabalham com a questão, para que possam conhecer e trabalhar para melhoria do povo. É importante ressaltar que todo esse processo não interfira no respeito aos antigos, na valorização dos ancestrais pelo conhecimento e pela transmissão dos valores tradicionais, sendo o jovem o meio para auxiliar nessa valorização, estudando e tendo maior atuação com o movimento indígena.

Marcos Tupã Guarani disse que os jovens e mulheres devem falar mais e colocar a sua pauta junto ao movimento, que a luta dos indígenas é a união de todos. Sobre o meio ambiente, pediu que todos os biomas fossem preservados e valorizados. Disse que a floresta amazônica é muito importante, mas que existem indígenas em todos os biomas brasileiros e, por isso, a mata atlântica, o cerrado, a caatinga, precisam ser considerados pelo movimento.

Ermenegildo Terena reforçou que para os povos indígenas serem respeitados, todos precisam estar unidos, tendo em vista que a união e a valorização dos indígenas fazem parte do movimento. Para ele, a verdadeira liderança são os anciãos e as anciãs, pois respeitam todos os conhecimentos, “lideranças são todos nós do movimento, seja de base local, ou que saem das bases para auxiliar o povo”.

Ricardo Tingui Boto afirmou que, no governo, existem os agentes que trabalham dentro do movimento indígena e que esses agentes são as “lideranças que entram no governo e agem em prol dele”.

Nádia Pataxó parabenizou a todos os resistentes que, apesar da dificuldade do início do evento referente a alimentação, permaneceram. Ressaltou que para melhorar a cada ATL é preciso estar junto com o movimento e estar pronto para contribuir, e não somente criticar, é preciso auxiliar para acabar com o problema, “por isso a participação é importante”, salientou Nádia Pataxó.

Toninho Guarani surpreso com o tema do ATL, mas satisfeito com a escolha, disse que para lutar por terra, educação e saúde, não se pode esquecer os ancestrais. Desse modo, o representante do povo Guaraní ressaltou que:

“Nossos líderes antigos é a sabedoria; é tudo que precisamos; criar energia não é sabedoria, porque gasta água e as matas, acabando com o meio ambiente, e isso não é sabedoria. Sabedoria é saber usar essas coisas sem prejudicar, tem que saber beneficiar a todos sem prejudicar a mata, isso é sustentabilidade”. (Toninho Guarani, fala do dia 17 na plenária do ATL).

Após estas falas tiveram outras, que demonstraram a importância da união dos povos indígenas em prol de objetivos comuns que é o movimento indígena, e dos direitos e da valorização que se devem dar aos conhecimentos e à sabedoria ancestral.

Na fotografia 4, foi durante um dos momentos de canto e reza que aconteceram no Acampamento Terra Livre/ 2012, esta no caso feita pelo senhor Getúlio Souza Guarani Kaiowá e outros indígenas do mesmo povo do Estado do Mato Grosso do Sul.



Fotografia 4. Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul, canto e reza.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

No dia 18, 1.700 indígenas participantes do ATL e se mobilizaram para fazer um ato em frente o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)<sup>21</sup>. O objetivo da marcha foi protestar contra o uso de dinheiro público por meio do BNDES, para o financiamento de empresas responsáveis por grandes projetos de empreendimentos que impactam negativamente as terras indígenas, como a usina de Belo Monte, a transposição

<sup>21</sup> Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, ver: <http://www.apib.org.br/ix-acampamento-terra-livre-urgente/>.

do Rio São Francisco, grandes plantações de soja e diversos outros que geram impactos ambientais e sociais.

A APIB escolheu uma comissão de doze representantes indígenas para tratar com BNDES temas sobre as usinas hidrelétricas e os financiamentos de projetos e empreendimentos que vão contra os direitos dos povos indígenas. Tais projetos e empreendimentos tem violado a convenção 169 da OIT, no item sobre a necessária consulta prévia informada aos povos indígenas.

Fotografia 5 trata de alguns a caminhada que foi feita pelas ruas do Rio de Janeiro, do Aterro do Flamengo até o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES).



Fotografia 5. Caminhada ao BNDES.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

No dia seguinte, as atividades foram iniciadas com cantos, danças e rezas pelos Guarani Kaiowá. Em seguida Romancil Cretã Kaingang, Neguinho Truká e Issó Truká expuseram os resultados referentes ao ato acontecido no dia 18. Como acordo, conseguiram tratar sobre a criação de uma comissão com cinco pessoas indicadas pela APIB para acompanhar as ações financiadas nas Terras Indígenas pelo BNDES. Após esta exposição, a programação do dia seguiu com falas de indígenas da Abya Yala, de

representantes do Ministério da Cultura (MINC) e da mobilização para bandeira viva “Rios para Vida”.

Indígenas da Abya Yala dos países da Bolívia e Argentina falaram do racismo em que vivem em seus países, em relação à violação dos direitos consignatários. Que na Argentina não se intitulam indígenas e sim povos originários, pois antes de serem argentinos eles são os originários da terra. “Somos povos originários, os primeiros nascidos nesta terra, e aqui ficaremos; estamos sempre dispostos para lutar; não temos fronteira. Vamos lutar e reivindicar nossos direitos, por isso não falamos povos indígenas e sim povos originários”, destacou o representante.

Posteriormente a esse momento, o MINC, através de Pedro Domingues, Luciane Ouriques e Maurício Fonseca, iniciou informes do Seminário sobre o Plano Setorial de Culturas Indígenas, que foi realizado nos dias 20 e 21 de junho, no Galpão da Cidadania no Rio de Janeiro. O objetivo do seminário foi discutir o Plano para Culturas Indígenas, do Colegiado Setorial de Culturas Indígenas e do 4ª Prêmio de Culturas Indígenas “Raoni Metuktire”. Pedro Domingues afirmou que no seminário terá 10 indígenas por cada região para acompanhar e contribuir com questionamentos e sugestões para melhoria do plano.

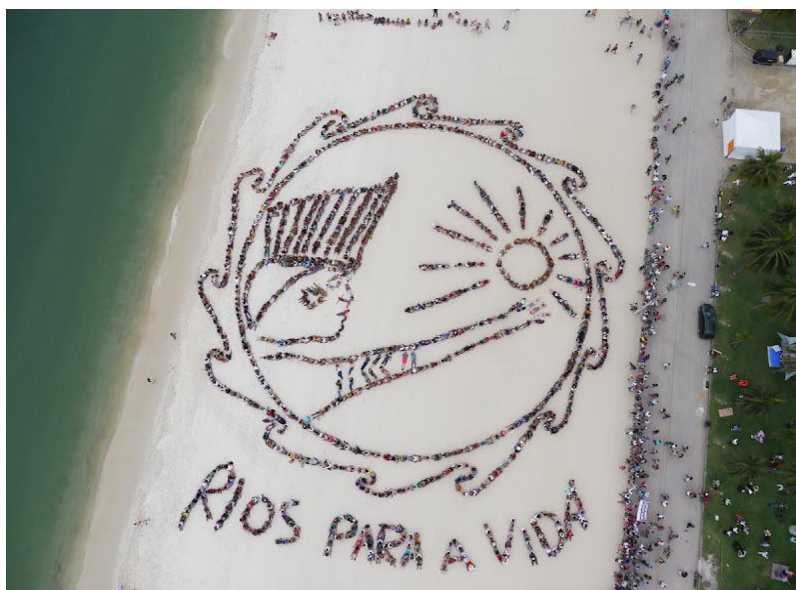
Luciane Ouriques informou que o objetivo do Plano é dar autonomia e determinação na manutenção da cultura, o diálogo, as diretrizes que focam a sustentabilidade para as culturas indígenas e a transmissão dos conhecimentos, como por exemplo: eventos, rituais que podem contribuir para fortalecer as culturas. Esses são os mecanismos de gestão que podem atender o maior número de comunidades indígenas, através da participação dos indígenas no colegiado<sup>22</sup>.

Sobre o Prêmio Culturas Indígenas, Maurício Fonseca falou das homenagens prestadas nas edições anteriores que foram feitas às lideranças indígenas que lutaram em prol dos direitos dos Povos indígenas como Angelo Kretã, Chicão Xucuru e Marçal Tupã-í, indígenas que já morreram e marcaram a história do movimento indígena.

Romancil Cretã agradeceu a participação e incentivo do MINC para que os indígenas possam conhecer e participar desse processo de consolidação do Plano e do Prêmio. Aproveitou para convidar os presentes para a formação da bandeira viva “Rios para a Vida” na praia do Flamengo, cuja mobilização teve o objetivo de manifestar em prol da salvação do planeta, através da união e força de todos os povos indígenas e apoiadores (vide fotografia 6).

---

<sup>22</sup> Para saber mais ver: Plano Setorial para Culturas Indígenas.



Fotografia 6. Imagem da bandeira viva "rios para a vida".  
Autor: Desconhecido.  
Data: 2012.  
Fonte: APIB.

O penúltimo dia do evento foi iniciado com a leitura do documento base do Acampamento Terra Livre, durante a qual foram feitas as orientações para que os indígenas fizessem as contribuições. Os participantes também foram orientados para que a sistematização fosse feita no mesmo dia para leitura e aprovação do mesmo. No entanto, ocorreram inúmeras intervenções em relação à inserção de propostas de documentos dos Estados da Bahia, Maranhão e Amazonas. Para atender a maioria, foram inseridas no documento base somente as demandas de ordem geral, temas como mineração, por exemplo. Já os casos mais específicos, como portadores de necessidades especiais, foram anexados no documento final. A leitura do documento acabou sendo finalizada no dia seguinte. O texto foi projetado no telão para que todos pudessem fazer o acompanhamento da leitura que foi realizada por Ceiça Pitaguari. Após a leitura, a plenária aprovou o documento final que foi distribuído para todas as delegações<sup>23</sup>.

O objetivo da participação foi fortalecer o movimento indígena, pelas apresentações culturais e falas de lideranças indígenas, anciãos, anciãs, homens, mulheres, jovens, e fazer com que a união dos povos seja mais robusta e, encorajar assim as futuras gerações para lutar pelos direitos dos povos indígenas. Segundo Bicalho (2010), a “força da união entre diferentes etnias é a principal arma de luta evidenciada na leitura dos textos das

---

<sup>23</sup> Declaração Final do IX Acampamento Terra Livre. Anexo B, página 79.

Assembleias, além de ser o traço mais marcante do processo de conscientização [...]” (BICALHO, 2010, p. 165)<sup>24</sup>

Assim, todas as propostas específicas que foram apresentadas pelos povos indígenas foram anexadas ao documento aprovado em plenária.<sup>25</sup> Para finalizar a edição do Acampamento Terra Livre de 2012, doze indígenas das cinco regiões do Brasil foram escolhidos pela plenária para levar o documento final ao Secretário Geral da República – Gilberto Carvalho.

---

<sup>24</sup> Esta reflexão de Bicalho (2010) vem de encontro com o de Matos (1997), os quais falam da importância do início das mobilizações indígenas promovidas pelo CIMI através de Assembleias, apoio necessário para formação política dos povos indígenas, bem como da união dos povos para ir em busca dos seus direitos.

<sup>25</sup> Declaração Final do IX Acampamento Terra Livre – Bom Viver/Vida Plena. Rio de Janeiro, Brasil, 15 a 22 de junho de 2012. Ver: <http://ww.apib.org.br/ix-acampamento-terra-livre-3/>



## 5. SABEDORIA ANCESTRAL EM MOVIMENTO

Segundo Morel (2012), o movimento indígena é uma grande união de líderes que busca melhorar a qualidade de vida da comunidade, lutando diariamente para que possa garantir a sobrevivência do seu povo. Relaciono a seguir contribuições importantes dos entrevistados sobre temáticas levantadas na pesquisa.



Fotografia 7. Ismael Morel Guarani Kaiowá.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Segundo Morel (2012), o movimento indígena é uma grande união de líderes que busca melhorar a qualidade de vida da comunidade, lutando diariamente para que possa garantir a sobrevivência do seu povo.

Ao ser perguntado sobre o que é essa sabedoria ancestral dos povos indígenas, Ismael Morel respondeu que:

“[...] Poderia resumir toda essa sabedoria no cuidado, no cuidado com o meio ambiente e na proteção da natureza. Eu acho que o movimento não poderia ser dessa magnitude sem essa sabedoria, porque creio que a sabedoria dos ancestrais que repassa oralmente de pai para filho, de geração em geração vai norteando o caminho que os mais jovens possam seguir”. (MOREL, 2012)

Referente à contribuição e à importância da sabedoria ancestral para o movimento indígena, Ismael Morel colocou que a visão de mundo dos povos indígenas deve ser respeitada perante os direitos garantidos pela Lei.



“Creio que poderia contribuir bem mais se a sabedoria dos nossos ancestrais, os anciãos do nosso povo fossem ouvidos e ser levada em consideração a opinião de cada um deles, porque a sociedade que não conhece; julga e não dá a importância devida a essa sabedoria”. (MOREL, 2012).

Já sobre o tema sustentabilidade que foi tratado durante o evento do ATL, perguntei o que este termo significava para Ismael, o mesmo disse que “não se pode pensar em benefícios com a destruição da natureza, que a vida das pessoas devem ser levadas em consideração bem como cuidado da natureza” (MOREL, 2012).

Podemos entender que a sustentabilidade é usar a natureza somente para o momento, e não usá-la como produto para ser devastada, sem a garantia de utilidade para futuras gerações.



Fotografia 8. Hensu Kamekwa.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Na visão do parente Hensu Kamekwa, quando perguntado o que é movimento indígena, disse que:

“Partindo do movimento é que se faz e acontecem alguns avanços. [...] através desse movimento é que têm acontecido algumas mudanças, as comunidades têm conquistado direitos, embora que claramente está escrito na carta magna do nosso país Brasil, mas o governo não tem cumprido. Então através deste movimento que tem acontecido em nível estadual, nacional e internacional que trás oportunidades as lideranças de buscar as mudanças necessárias”. (KAMEKWA, 2012).

Hensu Kamekwa disse que Acampamento Terra Livre tem importância no sentido da participação de diversos povos indígenas, porém o governo não percebe as mobilizações indígenas como algo de impacto.

“O ATL está com algumas edições realizadas e temos avançado pouco, mas isso não significa que não é importante; é importante sim. Mas a gente tem notado claramente que o governo brasileiro não tem dado a importância maior para esse movimento o ATL. [...] É preciso que as comunidades indígenas participem cada vez mais e busquem do governo uma atenção que é focar as comunidades indígenas. Nós temos direitos, nós precisamos ser ouvidos. Eu acho que o ATL oportuniza isso; as nossas lideranças do movimento e as lideranças que estão também nas bases”. (KAMEKWA, 2012).

Como uma das questões orientadoras da entrevista relacionava-se à sabedoria ancestral, questionei Hensu sobre o tema do ATL/2012, o que era a sabedoria ancestral dos povos indígenas na sua perspectiva e qual a importância dessa sabedoria ancestral para o movimento indígena?

“Eu acho que o povo que não tem sua cultura, é o povo que não existe. Então esse tema que traz o ATL é de extrema importância, porque são nossos valores, aquilo que os nossos antepassados viveram e tiveram grandes conquistas. Através desses conhecimentos, dessas sabedorias que são dos nossos ancestrais é que devem dar continuidade para nós, e só com isso que vamos ter respeito e ser vistos como índios mesmo. Isso para nós é importantíssimo e creio que vivendo isso nossas lideranças e nossos costumes culturais a gente vai avançar; vamos estar realmente mostrando quem somos de verdade, se somos índios ou não. Este tema que o ATL hoje está disponibilizando nos dá a condição de sermos mais fortes, de continuar lutando para fortalecer mais ainda os nossos costumes culturais e venha permanecer séculos e séculos estes conhecimentos que pra nós é de suma importância”. (KAMEKWA, 2012).

Já sobre a participação dos jovens e a relação que ele disse sobre a sabedoria ancestral dos povos indígenas e do movimento indígena, foi dado o seguinte recado aos indígenas que estão na base, aguardando o retorno das discussões que foram feitas na mobilização no Rio de Janeiro.

“É notório o que observamos, e muito mais delicada essa questão como a vida das lideranças jovens, nós temos um tempo, na verdade um espaço muito grande do que as nossas lideranças e nossos ancestrais viveram. Em função disso, a gente deixa um recado aos jovens que valorizem na verdade esses conhecimentos, que busquem aprender o que é conhecimento ancestral, o que cada povo tem, a cultura e o que seus antepassados viveram. Para que nós sejamos cada dia pessoas realmente aquilo que somos, independente de povos, porque no Brasil temos aproximadamente 220 povos e outros ainda em reconhecimento. E com relação ao movimento, a participação do jovem é importantíssima, eles tem uma nova visão, alguns jovens estão estudando e aprendendo um pouco do

sistema do homem branco. Mas o alerta que quero deixar aqui é que venha juntar essas coisas, de nossos costumes culturais e o sistema do homem branco, porque nós sabemos que o sistema do homem branco veio para nos exterminar em partes, algumas coisas podemos aproveitar, esse é o alerta que eu deixo para as lideranças jovens”. (KAMEKWA, 2012).



Fotografia 09. Tsitsina Xavante e Ceiça Pitaguari.  
Autor: Karanhim Metuktire.  
Data: 2012.

Maria da Conceição (Ceiça) Pitaguari iniciou a conversa contando como ingressou no movimento indígena formal. Esta oportunidade foi propícia para lhe perguntar o que é o movimento indígena formal. Segundo a entrevistada, o movimento indígena.

“Formal [é] aquele sistemático, que tem reuniões periódicas, com associação e conselhos por comunidade e registros; tem que seguir as normas do código civil. E o movimento informal é aquele do dia a dia, da organização de cada família, e por pessoas que unem por relação de parentesco. Se tiver uma família que não é do mesmo laço sempre tem algumas divergências. O movimento formal tem que ter a reunião naquele dia, e o movimento informal é a união de festa familiar”. (PITAGUARI, 2012).

Como a entrevista estava sendo realizada durante o Acampamento Terra Livre, Ceiça falou da importância do ATL para o movimento indígena nacional.

“Para nós que fazemos parte da APIB, ATL é a maior instância de decisões políticas; é a assembleia geral dos povos indígenas no Brasil e é aqui que estão os representantes de todos os povos do Brasil, que vem com a esperança de colocar as suas demandas pra se consolidar um documento final e apresentar às autoridades, e no próximo ATL vem com expectativa de avaliar e saber se as demandas do ano anterior foram atendidas ou foram encaminhadas. Para mim o ATL é a assembleia geral e instância de decisão política do movimento indígena nacional organizado”. (PITAGUARI, 2012)

O ATL/2012 é sobre “a salvação do planeta através da sabedoria ancestral dos povos indígenas”. Sobre o tema abordado na Rio+20, que discutiu sobre sustentabilidade, Ceiça salientou que:

“A natureza está dando provas da maneira que o homem está usando os recursos naturais é de maneira errada, e isso aconteceu e está acontecendo porque a humanidade não deu a importância aos saberes ancestrais dos povos indígenas. Você não pode esgotar o recurso natural, você tem que usar apenas para lhe sustentar, não pode fazer deste recurso natural um mercado. E os países ricos usaram e esgotaram as suas riquezas e agora estão de olho do Brasil, e onde estão essas riquezas? Estão em terras indígenas, e não foram esgotadas porque sabem como usar, sabem o tempo certo de parar e ir para uma outra área pra deixar aquela repousar. Se a humanidade não se voltar e reconhecer que os povos indígenas contribuem para manutenção desses recursos naturais, aí sim tudo vai acabar!”. (PITAGUARI, 2012)

Sobre a contribuição do movimento indígena para a sustentabilidade, Ceiça logo disse que esse desenvolvimento sustentável discutido pelo governo não é o que os povos indígenas querem e pensam sobre sustentabilidade.

“Essa maneira de desenvolvimento sustentável que o governo prega de economia verde é a cana de açúcar. Você vai devastar uma grande área e plantar cana de açúcar e fazer etanol para vender? Não entendemos isso como desenvolvimento sustentável e nem como economia verde. E sim manter as florestas que estão de pé; é recuperar as áreas que não existem mais. Na região nordeste, quando é demarcada uma área, a terra está degradada pela criação de gado e de plantação de cana. E nosso trabalho é de querer transformar aquela terra novamente em uma área fértil, como exemplo dos Potyguara que tem muitas usinas nas terras deles, ao ponto de uma lagoa secar pela plantação desordenada. Hoje eles retomaram para esta área e arrancaram toda cana de açúcar e estão plantando plantas nativas da mata atlântica e por incrível que pareça a água voltou a surgir, e isso é uma contribuição do movimento indígena, e que as outras pessoas deveriam ver como os indígenas estão se preocupando com o meio ambiente”. (PITAGUARI, 2012)



Fotografia 10. Tsitsina Xavante, Raoni Metuktire e Paimu Txucarramãe.

Autor: Karanhim Metuktire.

Data: 2012.

Para Raoni Metuktire, a conversa foi direcionada pelas seguintes perguntas, o ele pensa sobre movimento indígena, qual a diferença do movimento indígena atual comparando com o movimento indígena da década de 1980, e um recado para a juventude indígena. E para esta entrevista a contribuição do Paimu Txucarramãe foi importante para fazer a tradução das respostas ao Raoni.

“O povo não entendia a língua do outro, então aconteceu o descobrimento do Brasil, o branco veio. Eu sou filho dos antigos, e tenho a sabedoria dos ancestrais, e me preocupo com os povos indígenas do Brasil e toda cultura. Mas o governo brasileiro não está respeitando a cultura, e o histórico dos ancestrais.

Antes da constituição, nós íamos para o movimento sem saber do conforto, sem saber do alimento. O conforto e o alimento não vão conseguir trazer as coisas que estamos querendo, comíamos poucas coisas. Nós não sabíamos o que era o movimento, mas nós íamos assim mesmo para discutir o que estavam tratando o governo daquela época.

Hoje não; eu vou falar. Hoje o pessoal quer conforto, o jovem quer alimento bom; isso não significa que é guerreiro. O guerreiro não come muito; o guerreiro não tem conforto. Quando vou para a guerra, não uso coberta; só uso a folha de bananeira para cobrir só a cabeça, mas hoje o jovem quer comer na hora certa, e isso não vai levar resultado positivo para nossa aldeia; isso que eu vejo.

Então eu posso falar para os jovens, e espero que você divulgue essas imagens. O jovem de hoje tem que ouvir o que eu vou falar, tem que ser firme na língua, e só assim vamos ter o poder de enfrentar o governo brasileiro para defender o nosso direito. Os jovens estão se vestindo da maneira que o branco veste, e isso não é nossa tradição. Eu sei que a disputa é grande; da tradição do índio com o branco e está tendo essa disputa, mas temos que ser guerreiros, é isso que eu quero falar para o jovem.”. (METUKITIRE, 2012).



Fotografia 11. Getúlio Guarani Kaiowá.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Ao Sr. Getúlio foi perguntado o que era movimento indígena e o que entendia sobre desenvolvimento sustentável. Eis a sua resposta.

“Para mim esses movimentos que fazemos por causa da terra, é porque pensamos no futuro. O governo já reclamou das áreas demarcadas, eles falaram “índio quer a fazenda só para deixar sem plantar”. Mas para nós isso que é importante, nós precisamos da mata, nós precisamos da árvore boa, precisamos reflorestar novamente. Eu já falei duas vezes em reuniões, nós indígenas não vivemos assim cheirando veneno, cheiro de gasolina, indígena cheira aquele cheiro de flor da mata, aquele cheirinho gostoso. E isso não estamos tendo [...] A gente pensa o seguinte, que nós somos o movimento indígena, nós sentimos que o movimento é nosso, porque pensamos no futuro”. (SOUZA, 2012)



Fotografia 12. Edilena Krikati.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.



Sobre movimento indígena Edilena Krikati disse o que é e deu a funcionalidade do movimento para os povos indígenas.

“O movimento indígena é na verdade a resposta dos povos indígenas a tudo que acontece no contexto atual, ou seja, o movimento indígena é o os povos indígenas se expressando, demonstrando o que estão sentindo, suas opiniões através de articulações políticas onde se une e se discute, se propõe e faz encaminhamentos; movimento indígena é isso”. (KRIKATI, 2012)

Em relação à importância do ATL dentro do movimento indígena e da importância da mobilização para os povos indígenas, Edilena Krikati salientou que “o ATL é o palco de demonstração da força do movimento indígena no Brasil, em que se encontram as representações de todos Estados. Local que fica exposto à união e força dos povos indígenas, sendo esta a importância do movimento político do ATL” (KRIKATI, 2012).

Sobre o tema do ATL/2012, foi perguntado a Edilena o que ela pensava sobre o “a salvação do planeta através da sabedoria ancestral dos povos indígenas” que estava sendo abordada nesta edição e o que ele entendia sobre desenvolvimento sustentável.

“Eu acho esse tema interessante porque no momento atual a discussão é sobre a economia verde e sustentabilidade; então tudo isso tem a ver, porque nossos antepassados, nossos ancestrais e nós mesmos sempre preservamos e conservamos a natureza.

A sabedoria dos nossos anciãos é que tem feito com que a gente resista até hoje, enquanto povo, enquanto uma cultura totalmente diferenciada, e essa resistência e sabedoria dos nossos ancestrais que fizeram com que nós preservássemos e conservássemos nossos territórios, nossos rios, nossas águas e isso a gente pretende levar para as outras gerações, essa é uma sabedoria de como utilizar o meio e de como viver e sobreviver dele.

Então o desenvolvimento sustentável é ter a garantia dos territórios e está sempre associado a ele, da nossa maneira organizacional de pensar e viver, e estar sobrevivendo daquilo mesmo que é nosso, de nossos recursos sem precisar estar destruindo e desmatando. Essa é a sustentabilidade de vida para nossos povos e gerações que estão vindo e de deixar um território onde as pessoas e os animais e meio ambiente estão interligados um ao outro. Nós, povos indígenas, fazemos parte; a terra não faz parte de nós, somos nós que fazemos parte dela, e desenvolvimento sustentável é isso”. (KRIKATI, 2012)

Sobre a participação dos jovens indígenas nessa discussão, Edilena deu o seguinte relato.

“Primeiramente é importante a participação desses jovens, porque ninguém fica como sementinha, tudo passa. Então a gente também vai passar, e vamos precisar de outras pessoas que assumam a responsabilidade de estar no movimento, de estar discutindo, participando, brigando e defendendo os povos indígenas. Então a juventude hoje vem primeiramente, até mesmo por causa de todo um contexto que a gente vive; ela tem que estar se qualificando dentro do movimento e realmente defender e nunca se esquecer de que mesmo com a qualificação a gente não pode esquecer dos conselhos sábios de nossos anciãos. Da forma, é isso que eu falo, o movimento indígena tem duas caras, o movimento indígena formal e o movimento indígena informal, de como nossos antepassados lutaram e resistiram até hoje. Uma coisa está associada à outra e a gente nunca pode deixar isso, o nosso tradicional com o moderno”. (KRIKATI, 2012)



Fotografia 13. Alana Manchineri.  
A autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Alana Manchineri na entrevista disse como ingressou no movimento indígena e referente a isso, foi lhe perguntado o que entendia sobre movimento indígena.

“Movimento indígena para mim é só um conceito; é a forma que as pessoas tentam buscar seus direitos. Isso que chamamos de movimento indígena é como as populações indígenas buscam os direitos, que não é dado a eles”.  
(Alana Manchineri, 2012)

Sobre o evento do ATL/2012 com o tema “a salvação do planeta através da sabedoria ancestral dos povos indígenas”, perguntei a Alana o que é essa sabedoria ancestral.



“Primeiro, o conhecimento ancestral pra mim está no sangue, a gente quando nasce já tem isso; os povos indígenas têm isso bem visto no sangue. Às vezes, nem é o cocar, nem a pintura, mas o próprio jeito de ser, o próprio modo de pensar. [...] Isso para mim é a sabedoria ancestral, é a forma de viver, a sabedoria ancestral é o conhecimento milenar que temos, que não são só as vestimentas e acessórios, mas o modo de viver”. (Alana Manchineri, 2012).



Fotografia 14. Aldamir Sateré Mawé.

Autora: Samantha Ro'otsisina.

Data: 2012.

Aldamir Sateré Mawé elaborou sua resposta num contexto amplo em relação ao seu entendimento sobre movimento indígena, sabedoria ancestral, sustentabilidade e um recado aos jovens:

“Eu quero ser solidário às muitas lideranças, às famílias de lideranças que já não estão mais aqui em pessoa, mas em espírito, e essas pessoas de alguma forma como nossos tuxauas, nossas caciques, deixaram suas contribuições, e elas nos motivam, porque é a partir dela que tiramos forças, tiramos mais coragem para que a mesma luta travada por eles, pudesse ter continuidade e esta continuidade depende muito dessa ligação nossa espiritual, ancestral. A nossa diversidade cultural não nos separa enquanto povos, ela nos enriquece enquanto seres humanos capazes de fazer a transformação da nossa vida, do nosso espírito, para que nós possamos no dia a dia, poder viver e conviver bem dentro das nossas aldeias, das nossas comunidades e do convívio com homem branco. A partir do momento que ele entenda nossas diferenças, e as nossas especificidades, podemos ter respeito, mas esta importância não se resume ao respeito. Resume-se na grande necessidade que nós temos de dar continuidade à luta de nossos parentes, à luta de nossos avós, de nossas gerações, porque hoje o que eu faço é parte disso, o que você faz é parte disso.

Se hoje a família Sateré Mawé de alguma forma contribuiu para isso, a sua família também de Mário Juruna. Tenho isso guardado na memória, como uma das fotografias, uma das provas de que é possível mantermos esse enlace, embora morando em lugares tão distantes, então o norte ao resto do Brasil ou ao começo do Brasil. Então a grande diferença disso está quando você tem uma luta a travar, quando você tem um embate a fazer, e

nisso você podendo contar com outros caciques, com outros pajés, com outras lideranças de qualquer parte do Brasil, de qualquer parte do mundo para convergir num único objetivo você consegue ter o resultado com muito mais facilidade e até em curto espaço de tempo.

O mundo tem que ouvir isso, tem que ouvir ainda nossos grandes caciques, cacique Raoni que hoje é uma lenda viva daquelas lideranças que não estão mais presentes, mas que nos dão, como meu pai, como a sua família, nos dão esse incentivo, o apoio e a motivação para que possamos nos dar as mãos, fazer uma corrente, fazer com união de forças não da salvação do planeta, mas sim a harmonia entre a vida, onde o amor, o respeito estejam sempre acima de nossos objetivos pessoais, acima de nossas vaidades, que nós somos passageiros, precisamos muito diminuir essas indiferenças.

Que possamos a partir de agora nos aproximar mesmo, e mostrar que não se resume no ATL de grandes eventos de aglomerações de povos, mas espírito mesmo.

Por isso, queria concluir que nossos jovens, nossas crianças pudessem ser mais olhadas por nós mesmos, por nossas autoridades que são elas que vão dar continuidade a essa missão, ao legado que foi deixado pelos nossos antepassados”. (SATERÉ MAWE, 2012).



Fotografia 15. Antonio Chico Truká.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

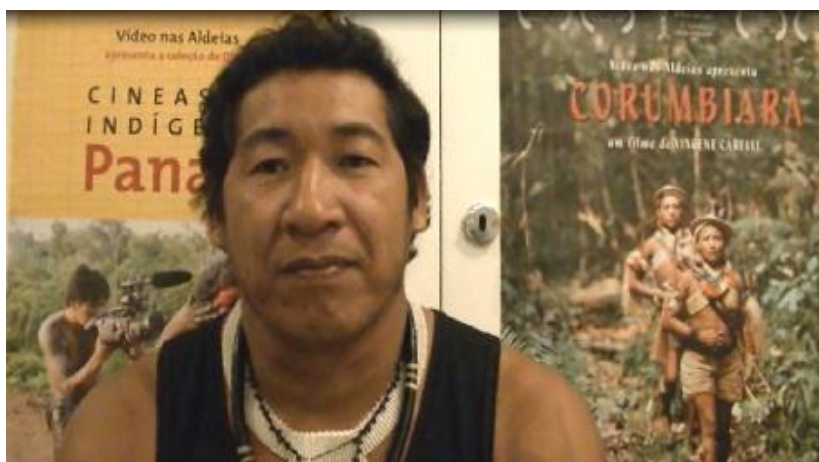
O Sr. Antonio Chico Truká traz em seu entendimento sobre movimento indígena e sabedoria ancestral um saber que foca a espiritualidade, e de como a fé é importante para todas as ações que se faz.

“Movimento Indígena? Eu não sei nem dizer. Movimento indígena é a fé que a gente tem; trabalhar com a fé. É o movimento com a fé, que tem no pai tupã, nos nossos encantados, nossos defensores que deixaram nossas crenças isso é movimento, só isso.

O recado que eu tenho para eles é trabalhar com fé, a fé que a gente tem nos rituais, concentrar nos trabalhos que estão trabalhando seja com fé, trabalhe no ritual concentrado e outro está gaitando aí está derrubando

com a natureza. O que é importante é a fé, que têm toda força de resolver tudo, de acabar tudo. Se você tem fé, a gente derruba tudo que quisermos, o importante é a fé em deus e em nosso pajuaru.

São vocês que vão movimentar o nosso território, o nosso rio, nosso ritual, a nossa vibração, o nosso território que nós temos, é pra ser os jovens hoje que vão tomar de conta, com fé”. (TRUKÁ, 2012)



Fotografia 16. Winti Kisêdjê.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Winti falou sobre o porquê de participar do ATL e da sua trajetória, enquanto membro e participante do movimento indígena. Sobre o movimento indígena e o a organização do movimento, Winti Kisedjê destacou que a política indigenista está cada vez atuando de forma que favoreça os povos indígenas de um bioma como Amazônia. Ao invés de agir em prol aos interesses comuns das regiões, de maneira equânime.

“A gente sabe que a política está parecida um pouco com a política do governo, que só trabalha pelos biomas e não trabalha pelos povos. E como a gente sabe tem mais pessoas que trabalham pela Amazônia, e poucas as que têm a dedicação pelo cerrado, pelo pantanal, a mata atlântica, a caatinga que são outros biomas, e não tem trabalhos em conjunto. Então é isso que eu vejo que esse movimento poderia estar discutindo não pelos biomas, mas discutir pelos interesses comuns, para todos nós, os povos indígenas que existem no Brasil e não só pela região que tem mais avanços no conhecimento, mas que a gente considera todo mundo igual nos direitos.” (KISÊDJÊ, 2012).

Em reação ao tema do ATL/2012, Winti respondeu o que é a sabedoria ancestral na visão dele.

“Então, esse conhecimento tradicional a gente sabe que a gente tem vários históricos de cada região, de cada população tem suas histórias de como vive, de como você cuida de uma região, de uma terra, ou de uma mata, para que essa mata não se acabe, você continua vivendo com ela, sem prejudicar a saúde dessa natureza e você vai continuar usando ela e também preservando e você vive com ela, vivendo bem, com a saúde com suas coisas sem se acabar, vivendo não só para você, mas para o futuro dos que vão vir. Por isso esse conhecimento é muito importante para cada povo indígena mostrar a sua realidade para que todos conheçam a realidade de cada pessoa” (KISÊDJÊ, 2012).

Sobre o que é a sustentabilidade levantada nas discussões durante o ATL/2012, em comparação com o desenvolvimento sustentável apontado na Rio+20, bem como pelo governo, podemos perceber que o entendimento de Winti sobre desenvolvimento sustentável para os povos indígenas, demonstrado na entrevista é:

“Olha, no meu olhar como indígena, pelo o que eu sei é assim: desenvolvimento sustentável é uma coisa que você produz e ao mesmo tempo você preserva a natureza, isso que significa desenvolvimento sustentável, que você pode produzir naquela terra, mas que você não prejudica, você continua vivendo, comendo, produzindo ali, com a sua sobrevivência, mas não prejudica nada, você cuida dela tipo como manejo sustentável, que seria parte desse trabalho, para que as coisas sejam sustentáveis e não degradar.

Isso que eu penso e esse encontro veio para discutir o que a gente sente que é isso. Estamos aqui mostrando a realidade que podemos cuidar também, e a gente sabe que a mata tem seus espíritos e todas as coisas têm os espíritos e a natureza que preserva também, e se você acabar com aquilo que tem em volta, pode acabar com você e pode te matar; pode ficar doente sem saber, porque a natureza também tem sua vingança. Por isso, temos que usar ela com cuidado”. (KISÊDJÊ, 2012)

Sobre o recado aos jovens, Winti elaborou um recado com um viés de responsabilidade aos jovens indígenas que estão nas universidades. De primeiro valorizar e a cultura, para depois buscar os conhecimentos científicos da academia, sabendo utilizar os novos conhecimentos como ferramenta do fortalecimento cultural, e da importância de ter pesquisadores indígenas estudando a cultura.

“Eu queria mandar uma mensagem em alerta à nossa juventude; aos que gostam de ler, aos estudiosos, hoje temos nossas escolas na comunidade. E alguns se educam de lá para cá, mas os jovens devem ter o conhecimento melhor na cultura e depois passar para os outros, a gente sabe que depois de estudar deve voltar a sua tradição. Porque o branco que faz a pesquisa sobre a gente, e agora nós indígenas temos que aprender nas bases para depois mostrar para os brancos.

Isso tem que ficar na cabeça da juventude, antes de você partir para o mundo branco, primeiro tem que conhecer sua cultura, sua língua, suas histórias, de onde você vem, como é a história do seu povo, a história das suas músicas, das tradições e de toda a natureza para depois você vir para

escola da cidade e só pesquisar as coisas do branco. Facilitando também o estudo, porque se primeiro você vai estudar lá fora e depois estudar sua cultura fica estranho, esse é meu ver, as pessoas que estudam primeiro sua cultura e depois a cultura do branco, facilita a traduzir ela com mais facilidade”. (KISÉDJÉ, 2012)



Fotografia 17. Francisca Marciane Tapeba.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Marciane Tapeba diz que o movimento indígena gera a troca de experiência e o intercâmbio de culturas, possibilitando a união dos povos para lutar pelos seus direitos. Já sobre a sabedoria ancestral, Marciane diz que é através da ancestralidade que os povos indígenas encontram a sua raiz.

“Eu acho que é de extrema importância; é onde buscamos nossas forças; é na sabedoria de nossos povos, na raiz de nossos costumes, como curar uma doença, como fazer uma reza, como fortalecer quando está fraco. Então eu acho que esse é o nosso segredo. Eu acho que isso fortalece, temos que ter o conhecimento da atualidade; temos que estudar e cursar alguma coisa, mas o mais importante dos povos indígenas é a sabedoria ancestral, dos nossos caciques, dos nossos pajés, da sabedoria medicinal e sabedoria tradicional”. (TAPEBA, 2012)





Fotografia 98. Davi Yanomami.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Perguntei ao Davi Yanomami, qual a importância da sabedoria ancestral dos povos indígenas. A sua fala transmite como podemos nos fortalecer, enquanto povos indígenas. Se tivermos união e entendermos como funciona o sistema do governo, utilizando além das manifestações, os registros de nossas demandas através da escrita.

[...] Hoje a liderança é no papel e na caneta e, assim, no mundo branco resolve. Antigamente não, o meu tio Mário Juruna lutou, mas ele estava sozinho, mas agora não estamos assim, estamos em um grupo grande, um grupo não um povo, e o povo precisa se unir e ficar junto para ser arma só. A arma dividida, ficamos fraco, e aqui está acontecendo isso, estou observando, por isso eu venho aqui para olhar o que vai acontecer. (YANOMAMI, 2012).

Antes da entrevista, Davi falou que as árvores são nossas irmãs e então foi lhe perguntado o que entendia sobre desenvolvimento sustentável e se isso está relacionado à sabedoria ancestral.

“Eu que falo, essa árvore tem uma vida, você está vendo ela mexendo, e olha nós mexendo, assim representa como irmã, ela nasceu também na terra, a árvore é a mãe terra, nós povos indígenas sempre falamos nossa mãe terra. Então eu que falo, ela também dá uma fruta, ela dá uma fruta para nós comer, eu vou comer a fruta que ela dá.

Por isso eu chamo assim irmã, eu tenho irmão que nascemos da minha mãe e meu pai; eu tenho irmão, trabalhando e batalhando para crescer e lutar pelo direito da nossa comunidade; e desenvolvimento é o homem branco que fala.

E o desenvolvimento, eu não entendo isso, o desenvolvimento que o branco fala é desenvolver o avião, o motor, é televisão, celular, essa máquina que você está usando, o desenvolvimento é a comida, feijão, arroz, esse alimento da cidade isso que é desenvolver. Ele primeiro desmata a nossa terra grande, o homem branco não gosta de árvore, ele não gosta bicho, a

anta, o mutum, arara, papagaio, ele mata tudo, e ele fala que desenvolver é plantar a cana, a soja, o trigo, para fazer mercadoria, e fazer mais para o povo comer. [...]

O desenvolvimento do índio é preservar a natureza, preservar nosso rio, manter nossa aldeia com saúde, cantar, fazer pajelança e dançando, manter nossa floresta protegida e respeitada, nossa floresta é uma casa pra nós vivermos bem, sem preocupação com ninguém. Nós somos diferentes, nós povos indígenas não roubamos a terra do outro, a nossa consciência é diferente, do índio Yanomami e índio. E se nós Yanomami e vocês parentes se destruírem tudo, acabar com a floresta, com a caça, com a arara com o papagaio, aonde vamos achar isso aqui (mostra um adorno), será que na cidade tem? Tem não!

A mensagem dada por Davi em relação a esse conjunto de perguntas voltadas ao movimento indígena, à sabedoria ancestral e à sustentabilidade, foi:

“Eu vou dar uma mensagem a vocês. Vocês que nunca sofreram. Vocês não sabem o que aconteceu a 500 anos passados, eu não sei também, mas sei que foi muito ruim para nós. Quem trouxe esse sofrimento foram os brancos. Então para não deixar acontecer mais com vocês, eu quero que vocês aprendam a falar português, mas não é para deixar a língua materna; a língua materna é uma arma. Primeiro lugar a língua materna; é nossa língua indígena e tem que ter; segundo lugar o português, e o português é venenoso, é como estilete, ele sabe acabar nossa própria língua indígena”. (YANOMAMI, 2012)



Fotografia 19. Sabaru Tingui Botó.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Na perspectiva de Sabaru Tingui-Botó, o movimento indígena inicia nas aldeias, mas perpassa em todos os locais onde os parentes estão, seja na universidade, nas mobilizações, na educação, remetendo à fala de Daniel Munduruku “índios em movimento”.

“Como disse, outro índio que não fui eu, o movimento indígena é os “índios em movimento”; movimento como muitos movimentos. Os parentes que estão na universidade fazem um movimento; os parentes que estão no artesanato são o movimento; os parentes que fazem discussão política estão em movimento; os parentes que estão lá na comunidade também estão em movimento; os parentes da saúde e da educação estão em movimento, então é movimento dentro de um movimento. Ele nem é assim tão simples. O movimento indígena é uma gama de pessoas insatisfeitas com muita coisa, o movimento indígena é os índios em movimento, fazendo reunião, seminário, conferência, concordando e discordando, debatendo, isso é o movimento indígena” (TINGUI-BOTÓ, 2012).

A sabedoria ancestral e a sustentabilidade do movimento indígena, segundo Sabaru Tingui-Botó compreende a sabedoria ancestral. Para ele:

“O movimento indígena precisa da sabedoria ancestral para continuar existindo, ele precisa respeitar essa sabedoria, e ele também precisa ser guardião dessa sabedoria, para isso muitas das discussões é para a questão da medicina tradicional, para proteção dessas riquezas, então o movimento faz esta discussão de proteção dessa sabedoria, da sabedoria e dos seres que detém ela.

O que sustenta o movimento são aqueles... na verdade o movimento é muito visto nas pessoas que vai até a TV, que conversa diretamente com o presidente ou presidenta, com as pessoas que vai para seminário. Mas o movimento ele é aquele que muitas vezes nem o português sabe falar, é aquele que está lá agora ensinando a dançar, a fazer a cerâmica, é aquela mãe, é aquela parteira que está dando assistência, tudo isso é o movimento indígena, então não é só o cara que faz a discussão em nível nacional, que vai para Europa para denunciar, o movimento é a partir daquele que está na aldeia.

A base do movimento indígena são as comunidades, sua pólvora, o seu combustível, a sua energia é a necessidade dos povos, e é a injustiça feita para com esses povos, o movimento indígena e a sustentabilidade dele são as comunidades” (TINGUI-BOTÓ, 2012).

Para Sabaru, os povos indígenas têm maneiras específicas de pensar sobre sustentabilidade. Devendo ser os pensamentos respeitados de acordo com a diversidade de culturas indígenas.

“Para ficar bem claro a gente não tem nada haver com a Rio+20, a vinda dos povos indígenas para o Rio de Janeiro é para mostrar que estamos na contra mão de tudo isso aí. O tema que está sendo discutido aí não são nossos temas, em momento nenhum os povos indígenas e comunidades tradicionais foram consultados o que seria o tema, e não dizemos o que queríamos discutir.

Outra coisa, essa discussão é feita por pessoas que não são legítimas. Os legítimos são os povos indígenas e as comunidades tradicionais, eles que poderiam ter o acesso. E o momento que você limita a ida e entrada para



esta discussão, e nem sequer discute com esses diretamente, então não dá para levar a sério.

Estamos dizendo ao contrário, a economia sustentável não é isso, a economia verde não é isso, o modo de vida nosso não é esse. Porque entendemos que mesmo quando as pessoas querem falar sobre a proteção, elas querem falar de crédito de carbono, ela quer falar da questão da cobrança pelo uso da água... então sempre há o dinheiro envolvido, vender crédito de carbono, vender a água, vender os bens.

E a gente não quer dizer isso, a gente quer dizer o seguinte: a gente quer viver. Eu não preciso ser grande produtor, eu não preciso ser grande minerador. E se eu quiser só ficar pescando o peixinho, e ter uma rede, não é direito meu? Eu sou obrigado a derrubar, a minerar, ou ter que produzir em grande escala? Não sou! O respeito daquelas comunidades de fato não é respeitado, e mesmo quando se discute meio ambiente é na perspectiva de lucrar, é na perspectiva de mercantilização do meio ambiente, e assim nunca se coloca que as pessoas fazem parte do meio ambiente, que ele é uma coisa a parte. E nós entendemos que somos a parte, nós somos o meio ambiente, nós somos a natureza, não estamos separados” (TINGUI-BOTÓ, 2012).

A realidade dos jovens indígenas serve de incentivo à participação para contribuição em prol da luta dos direitos dos povos indígenas.

“Mas o que tenho a dizer para os jovens que o movimento indígena não é perfeito, algumas coisas que precisamos conversar, refletir, pensar e discutir. Mas que são as ideias que aparecem que fazem o movimento, então as novas visões, as ideias, o jeito de ver, de pensar e de agir, é que vai sustentar esse movimento. Porque as pessoas vão envelhecendo e vão morrendo e outras lideranças têm que aparecer, lógico com seu próprio jeito de ver e fazer as coisas, com sua sabedoria também e trazendo sua contribuição.

E dizer que ele é preciso, o movimento indígena é preciso, não é perfeito e nem beira a perfeição, mas ele é preciso. A resistência dos povos indígenas precisa ser feita. Então o recado que tenho para o pessoal mais jovem é que venham somar ao movimento, mesmo que tenha dificuldade, mesmo vocês tendo as observações de vocês e deve ser interessante, mas venham contribuir, porque é isso, o movimento indígena somos todos nós em movimento”. (TINGUI-BOTÓ, 2012).



Fotografia 20. Tabata Kuikuro.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

Tabata Kuikuro fala de sustentabilidade aos jovens indígenas.

“Como sempre nós do alto Xingu, pessoal do Xingu, todos ainda temos essa cultura, o costume, lá na aldeia eu fico mais ainda sem roupa, todos os homem, mulher, todos as crianças, no Kuarup única aqui no Brasil que está assim viva ainda, eu peço para nosso parente, vocês aí todos povos daqui do Brasil, povos indígenas do Brasil tem que lembrar a cultura, a pintura, tem que continuar assim, se você vai esquecer, o branco, o governo não vai respeitar, isso que eu peço para meu parente, povo do Brasil, não pode esquecer a cultura, isso que eu peço a vocês” (KUIKURO, 2012).



Fotografia 21. Augusto Kaingang.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

O Sr. Augusto Kaingang, quando perguntado sobre o que é movimento indígena, respondeu em forma de agradecimento aos que participam no movimento indígena.

“Sobre os movimentos que tem nas regiões do Brasil, nas várias regiões do Brasil, eu quero fazer um agradecimento de um modo especial, principalmente aos líderes mais velhos que hoje lutam, principalmente ao cacique Raoni, hoje na chegada de uma discussão de um tema muito importante que trata sobre cultura, enriqueceu esse encontro para mim.

Eu também quero agradecer a juventude, que continua a luta e nossa história à diante, foi muito importante para mim ver, várias tribos, várias nações diferentes indígenas, a juventude nós temos esperança muito grande, nós líderes mais velhos temos uma esperança muito grande da juventude.

Agradecer as mulheres, que deixaram seus filhos na casa, na base, na terra deles, e vieram nesse encontro, mais valeu porque nós é que temos que discutir os nossos projetos quando fala de cultura, porque só nós entendemos, somos mais de 200 povos diferentes então o governo tem que respeitar essas diferenças, o nosso jeito de viver, mas muitas vezes o governo não enxerga essas diferenças. Ele acha que somos igual os brancos, que tem uma nação só, mas pensamos no dia do amanhã, para que o projeto do governo não venha nos prejudicar” (KAINGANG, 2012).

A sabedoria ancestral para o Sr. Augusto Kaingang é importante para ser valorizada em suas bases, bem como as transmissões dos conhecimentos tradicionais dos anciões e das anciãs que são os guardiões dos saberes.

“Então é muito importante quando se fala do conhecimento próprio, e o conhecimento próprio está na base, nunca dentro das universidades, nunca dentro das escolas dos brancos, mas o conhecimento próprio está nos mais velhos, nos historiadores mais velhos. Estão dentro das universidades nós temos que lutar para ter recursos para fazer nossas pesquisas do jeito para revitalizar nossa história e continuar o jeito de sermos diferente”. (KAINGANG, 2012)



Fotografia 22. Paridzané Xavante.  
Autora: Samantha Ro'otsisina.  
Data: 2012.

A sabedoria ancestral, segundo a concepção de Damião Paridzané, tem ligação com a transmissão dos conhecimentos transmitidos dos pais aos filhos, de forma intergeracional.

“Tradicional a primeira coisa é saber educar a pessoa, é a orientação do conselho do pai, isso a gente sabe, quando eu era pequeno e até crescendo aí dá a sabedoria para os jovens, mas os jovens tem que madurar a cabeça e funcionar a cabeça para manter a sabedoria sem falha, tem que respeitar mãe e respeitar todo mundo e vai indo e vai aprendendo com a vivência junto com a natureza e aprende muita coisa” (XAVANTE, 2012).

A sustentabilidade para Paridzané Xavante tem como foco a questão da alimentação e os modos de produção tradicional, sem agrotóxicos e transgênicos, obtendo uma alimentação que vem de encontro com o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)<sup>26</sup>.

“Bom eu tô falando a natureza porque quando eu era pequeno, eu fui criado antes do contato com o branco, é... a natureza faz o alimento sem contaminação, é o alimento puro, por isso o índio antes do contato era sadio e alto, todos nós índios sadios e altos porque, a sustentação é pura e as frutas, e agente se alimenta com a caça sem nenhuma vacina, e nossa alimentação era sadia nos tempos passados” (XAVANTE, 2012).

<sup>26</sup> O Direito Humano à Alimentação Adequada é inerente a todas as pessoas de ter acesso regular, permanente e irrestrito, quer diretamente ou por meio de aquisições financeiras, a alimentos seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas e suficientes, correspondentes às tradições culturais do seu povo e que garanta uma vida livre do medo, digna e plena nas dimensões física e mental, individual e coletiva. (Relator da Organizações das Nações Unidas (ONU), 2002). Ver mais: BURITY, Valéria [et al.] Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional. Brasília: ABRANDH, 2010.

Paridzané, assim como o Sr. Augusto, incentivam os jovens a estudarem, para obterem conhecimentos científicos e contribuir com a causa indígena, mas sem esquecer da sabedoria ancestral, que também contribui fortemente com a manutenção da cultura.

“Eu tinha preocupação, porque os jovens estudam mais, e tem o interesse e boa vontade, o jovem para se formar em doutorado, pode ser mestrado, pode ser advogado, eu quero que isso aconteça, porque se tivesse hoje advogado eu não ficaria sozinho. Isso que eu torço principalmente porque cada etnia tem sabedoria, tem cabeça para usar a experiência e estudar mais e confio isso ao jovem” (XAVANTE, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar este ensaio foi um dos desafios que estão sendo ultrapassados nesse processo científico, afinal de contas a escrita não é algo por mim dominado, pelo contrário, a cada frase construída com vírgulas e ponto final no lugar correto de acordo as normas gramaticais é um suspiro fundo a ser dado.

Mas como já dizia meu pai “*estou criando você diferente, para um dia poder contribuir com sua família e seus parentes*”, penso que este é o caminho preciso nos tempos atuais, utilizar os meios tecnológicos e científicos para contribuir com a causa indígena.

Referente aos meios tecnológicos, a internet é a forma atual de contribuição do movimento indígena, como exemplo as redes sociais onde muitos parentes estão conectados numa mesma rede e podem estar em lugares diferentes, mas dialogando sobre o mesmo assunto<sup>27</sup>.

Já o audiovisual foi outro desafio, afinal de contas editar um vídeo sem as ferramentas necessárias e recursos financeiro adequado para produção, é praticamente inviável. Porém para este produto foi de extrema importância a colaboração principal dos entrevistados, e de pessoas que também acreditaram que esta forma de devolutiva de audiovisual é a mais adequada para se chegar aos povos indígenas, por ter uma linguagem diferente do material escrito.

A realização de todo conjunto deste trabalho, desde a viagem para o Rio de Janeiro, e estar junto com mais de 1.700 parentes indígenas no IX Acampamento Terra Livre foi uma oportunidade de compreender o conjunto que forma o movimento indígena. Durante o evento, percebi que cada indígena tem um papel e uma função na organização informal ou formal, sendo todos importantes no processo, “das duas caras do movimento”, conforme dito por Edilena Krikati.

No contexto do movimento indígena o objetivo das mobilizações é consolidar os direitos dos povos indígenas, seja no âmbito de seus territórios, meio ambiente, saúde, educação, soberania alimentar, cultura, e diversos outros que fazem parte do arcabouço que sustenta a luta do movimento. Durante o ATL, ocorrido na Rio+20 com o tema “A salvação do planeta através da sabedoria ancestral dos povos indígenas” ficou em destaque que a

---

<sup>27</sup> Sobre este assunto eu abordei numa entrevista durante o IX Acampamento Terra Livre, ver mais em: <http://amazonia.org.br/2012/06/filha-do-cacique-juruna-busca-as-ra%C3%ADzes-do-movimento-ind%C3%ADgena/>

luta do movimento não é somente pelo território e/ou demarcação das Terras Indígenas, mas por tudo que é necessário para viver com sustentabilidade.

Percebi que a visão de “sustentabilidade” indígena está além dos três pilares - social, ambiental e econômico de acordo Sachs (2002). A sustentabilidade para os povos indígenas está relacionada à preocupação de salvar o planeta, tendo como suporte os saberes tradicionais, a valorização e o fortalecimento das transmissões dos conhecimentos tradicionais, por meio da manutenção da cultura, e podendo ter outros entendimentos diante da diversidade cultural dos povos indígenas.

Esse aparato é o alicerce do movimento indígena, pois considerando a diversidade dos povos indígenas e das mobilizações/ações que compõem o movimento indígena que se manifesta para garantir a consolidação dos seus direitos. Sendo a base do movimento indígena caciques, parteiras, pajés/curandeiros, anciãos, anciãs, mulheres, homens, jovens, lideranças tradicionais e lideranças políticas, todos esses protagonistas são o que podemos chamar de movimento indígena, conforme a pesquisa realizada.

Sem a sabedoria ancestral dos nossos povos indígenas, perdemos tudo que se refere aos conhecimentos tradicionais, por isso precisamos nos qualificar com os conhecimentos científicos para contribuir na manutenção e no fortalecimento dos conhecimentos tradicionais transmitidos pelos anciões e anciãs.

Já a sustentabilidade, em uma perspectiva sistêmica, abrange a ótica dos povos indígenas em relação a este termo. O produto deste mestrado deu a oportunidade dos parentes em dizer o que pensam sobre esse assunto, afinal de contas somos mais de 230 povos indígenas, retomo o ponto de vista de Aldamir Sateré-Mawé na entrevista, para o qual:

[...] a nossa diversidade cultural não nos separa enquanto povos; ela nos enriquece enquanto seres humanos capazes de fazer a transformação da nossa vida, do nosso espírito, para que nós possamos no dia a dia, poder viver e dentro das nossas aldeias, e do convívio com homem branco. E a partir do momento que o homem branco entenda a nossa diferença, e as nossas especificidades, teremos o respeito. Mas isso não se resume no respeito, e sim na de necessidade dá continuidade à luta de nossos parentes, à luta de nossos avós, de nossas gerações, porque hoje eu faço parte disso, o que você faz é parte disso. (SATERÉ MAWÉ, 2012).

Acredito também que para termos perspectivas para a sustentabilidade devemos nos apoderar das políticas públicas propostas pelo governo, citando aqui onde devemos procurar as ações: Ministério da Justiça (MJ)/Fundação Nacional do Índio (FUNAI),

Ministério da Saúde (MS)/Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), Ministério da Educação (MEC), Ministério do Meio Ambiente (MMA), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), Ministério da Cultura (MINC), bem como conhecer a função dos poder legislativo, judiciário e executivo do país, tal quais as leis internacionais que o Brasil é signatário.<sup>28</sup>

Portanto, para atingir o “*bem viver*”, devemos valorizar e fortalecer os conhecimentos e saberes de nossos ancestrais, no que pensamos e entendemos por sustentabilidade, mantendo o movimento indígena em todas suas faces. É necessário também que o Estado atenda nossas demandas e nossas especificidades, fazendo com que nossos direitos sejam consolidados, conforme pontua Luciano (2006):

“Por fim, o grande *desafio* dos povos indígenas é como *garantir* definitivamente e em determinadas condições sociojurídicas ou de cidadania o seu espaço na sociedade brasileira contemporânea, sem necessidade de abrir mão do que lhe é próprio: *as culturas, as tradições, os conhecimentos e os valores*.”. (LUCIANO, p. 85, 2006)

Ao governo brasileiro, cabe criar políticas públicas que fomentem e incentivem a cultura e sua produção e reprodução, de acordo com a demanda dos povos indígenas, respeitando as diversidades culturais bem como os pensamentos e compreensões dos povos indígenas em relação aos termos aqui expostos movimento indígena, sabedoria ancestral e sustentabilidade.

Registrar as falas e expor exclusivamente para este trabalho é outro fator determinando de satisfação, pois foram 16 entrevistados, num diálogo de aprendizado de diversidades. Imagino eu entrevistar os mais de 230 povos indígenas como seriam os pensamentos e saberes ancestrais em movimento, ou melhor como seriam as perspectivas para a sustentabilidade.

---

<sup>28</sup> Ver mais: DE PAULA, Luis R.; VIANNA, Fernando de L. B. Mapeando políticas públicas para povos indígenas. In: Parte Mapeando as políticas públicas federais para povos indígenas: guia de pesquisa de ações federais. LACED/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro: 2011.



## EPÍLOGO

No dia 01 de fevereiro de 2013, no Campus Universitário Darcy Ribeiro na Universidade de Brasília, bloco C no Centro de Desenvolvimento Sustentável, as 09:00 horas, foi quando realizou a minha apresentação do trabalho para banca examinadora: Dr<sup>a</sup> Luciane Ouriques Ferreira, Dr<sup>o</sup> Othon Leonardos e Dr<sup>o</sup> Ricardo Verdum, e como convidados indígenas para também participar da banca Álvaro Sampaio Tukano e Tobias Tserenhi'rãmi Tsere'õmowi Xavante.<sup>29</sup>

Após a avaliação da banca, foi sugerido que as falas dos convidados indígenas fossem acrescentadas neste trabalho. Neste sentido as falas a seguir são as transcrições da participação do Álvaro Sampaio Tukano e Tobias Tserenhi'rãmi Tsere'õmowi Xavante, que gentilmente estiveram presentes na banca examinadora e fazendo suas colocações em relação a contribuição do produto deste mestrado aos povos indígenas.

### ÁLVARO SAMPAIO TUKANO

Bom dia mais uma vez. Eu li o trabalho com muita calma, e muita coisa aqui eu já sabia, e foi escrito agora. Entendi perfeitamente que nós povos indígenas temos a teoria própria, e passamos a praticar e fazer essas realizações falando nossas línguas, e é por isso que temos várias teorias, vários modos de viver como seres humanos e construímos nossos sábios, porque somos retentores de tudo que existe de ciência e de biodiversidade. Por isso a presença de muitos acadêmicos indígenas aqui na universidade é importante, e não adianta ele escrever inglês, francês ou russo, mas aqui é a casa dos cientistas, por isso acho importante a presença dos índios para fazer pelos índios nessa universidade. Essa universidade não é o monopólio de Atenas, de Roma, de Londres, de Tóquio não! Esse também é o nosso monopólio, então por isso eu acho que foi muito sábio a iniciativa deste curso, a gente dividiu o prato universitário: a metade indígena, a outra metade não é

---

<sup>29</sup> Álvaro Tukano é da região de São Gabriel da Cachoeira-AM, da Terra Indígena Balaio, liderança indígena que atua no movimento indígena formal desde antes da Constituição Federal de 1988, até nos dias atuais em prol dos direitos dos povos indígenas, incentivando a juventude indígena a valorizar a cultura e utilizar os conhecimentos científicos em prol do fortalecimento da cultura e dos povos indígenas.

Tobias Tserenhi'rãmi Tsere'õmowi Xavante, é da região de Barra do Garças-MT, da Terra Indígena São Marcos, liderança indígena e ancião do seu povo, conhecedor da tradição A'uwe, que transmite seus conhecimentos tradicionais aos mais jovens Xavante, através dos saberes do bioma cerrado, para valorização da cultura e dos modos de produção. A carta de indicação da comunidade indígena foi um dos critérios a serem entregues para seleção deste mestrado profissional, que foi da comunidade de Nova Esperança, da aldeia que reside o seu Tobias Xavante.

indígena, porque essa é uma ciência que nós sempre defendemos<sup>30</sup>.

Porque nós sempre fomos excluídos quando recebemos uma bíblia, um crucifixo, ou então um tipo de eleitor sempre dirigido por um partido. Muita gente se sente dono de índio, mas nós não somos passarinho de ninguém, eu sou Tukano, mas ninguém manda na minha cabeça não! Eu sou pensador. E desta forma pode parecer às vezes que somos mal educados quando criticamos a FUNAI, quando criticamos os salesianos, a executiva salesiana.

Não era assim, nós sabemos pensar, e temos que corrigir esta máquina que nos excluem. Eu acho que temos que corrigir esta máquina estando presentes aqui como maquinistas, como cientistas, porque isso é importante pra dizer que o Brasil tem sua diversidade cultural e essa diversidade ela tem que ser transparente e viva para a nova geração de brasileiros, porque até aqui sempre foi tudo.

"Esse índio ele não é cientista, esse não é assim... porque ele não é doutor". Não é assim não! Eu acho que um pajé que não sabe ler, sabe muito mais do que aquele que é doutor. Por isso os doutores têm procurado os índios para saber como que é a vida de índio, e a gente tem toda aquela paciência de dizer ou revelar nossos segredos. Esses segredos muitas das vezes não têm sido corretos. O padre escreve ao seu modo, antropólogo de outro, jornalista outro. Então tem sempre umas visões deturpadas, isto é, não é que o índio poderia dizer? Nós temos oportunidade, para dizer quem são os índios, o que eles têm de bom, deixa o índio falar!

Então isso que esta acontecendo aqui, tudo isso nós temos que agradecer à ABA, a Associação Brasileira de Antropologia que fez esse trabalho vivencioso, e assim tem sido bom. Hoje Verдум é meu amigo, eu sempre leio as preocupações de Verдум na internet, e vocês tem que ler também, sabem porque o Verдум se preocupa? Porque ele conhece, e gosta dos povos indígenas. É deste tipo de aliado que nós precisamos, e nós temos aqui dentro da universidade, das redes sociais...muitas dessas pessoas e Verдум é um desses.

Queria partir para um lado aqui. É o seguinte, realmente para quem está no movimento indígena é complicado conhecer a realidade acadêmica, e nós com essa geração de vocês dos mais jovens, que estamos sendo realizados, porque nós não sabíamos escrever, porque ninguém nos ensinou a ler e nem a escrever com os métodos

---

<sup>30</sup> Álvaro Tukano iniciou sua fala no sentido de parabenizar o curso do mestrado profissionalizante Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Indígenas, que teve uma turma de 25 alunos. Sendo destinadas 50% das vagas em seu edital para indígenas e demais 50% para não indígenas. Bem como da importância dos povos indígenas ingressarem na universidade e valorizando a cultura a partir das ferramentas que a academia e os conhecimentos científicos proporcionam para contribuição dos saberes tradicionais, através de análises teóricas.

clássicos de Roma ou Atenas, nem mesmo aqui na UNB. A gente vivia aqui minha filha, somente na porrada essa é a palavra verdadeira, usando a borduna está entendendo (Tsitsina)... era assim que fazíamos para trocar o presidente da FUNAI, ou fazendo manifestações. Nessa luta seu pai participou, eu participei e a Constituição Federal foi a base dessa luta física inteligente com o apoio da sociedade brasileira, foi assim que nós combatemos a ditadura militar.

Nós nunca corremos do país para fora e fazer doutorado não! Nós ficamos aqui sem estudos, sem nada e sem trabalho! Enfrentando essa mesma FUNAI que ainda é, e quando a gente quer fazer Acampamento Terra Livre e quando houve aquela reestruturação da FUNAI, os índios que não aceitaram a reestruturação, ficamos aqui durante sete meses em manifestação... e sabe o que nós recebemos de benção da FUNAI? Recebemos cavalos, cachorros pastores alemães, todo o tipo de milícia, mais força nacional... E ainda fica dizendo que a situação de índio está uma maravilha, não está uma maravilha não! Eu continuo sendo crítico.

Então eu acho que esta resistência que você define muito bem no seu trabalho do mestrado, no meu modo de ver os jovens acadêmicos quando fazem seu protagonismo dentro de suas aldeias dentro de suas tradições, estão percebendo de fato como é difícil a luta de paz, a luta de seus pais, de seu povo.

Para muita gente hoje a luta é difícil, como exemplo os Guarani que não tem casa, não tem escola, não tem nada de governo, nem a terra demarcada. Eu estive presente com os deputados e os senadores, para ver a situação dos índios do Mato Grosso do Sul. É muito difícil a gente dizer que estamos muito bem, quando sabemos que tem duzentos e quarenta e poucos acampamentos de índios Kaingang e Guarani na região Sul que estão sem governo, sem comida, sem nada. Isso deve ser escrito por vocês, nós temos que dizer que esta universidade não serve só para dar nota dez não! Ou para ser diretor de um departamento, não! Esta universidade tem que está voltada para o meio ambiente sim!

Todos os povos indígenas que eu conheço e que vem até aqui, vem defender o meio ambiente, vem defender suas línguas, eles não vem sozinhos, eles vem com seus pajés, vem com suas tradições. Por isso o movimento o CDS está dando muito apoio ao movimento indígena de uma maneira firme, de uma maneira concreta. Porque isso o que você escreveu e o que no vídeo mostra, eu vou falar para outros pajés outros chefes: “olha que a filha do Mário Juruna escreveu, não é mais aquele gravador, não!” Juruna usou gravador sim, porque era um meio à época. Hoje você esta escrevendo como acadêmica, usando internet, as redes sociais, o celular tudo como ferramenta para demonstrar as

violações de nossos direitos, e para poder valorizar a diversidade de culturas, porque é a nova tecnologia, a nova ferramenta... (aplausos).<sup>31</sup>

Por isso o desenvolvimento sustentável tem que ser uma bandeira constante de todos os povos indígenas. E todos os acadêmicos indígenas, pelo que eu saiba, vieram aqui defender a sustentabilidade, porque começa a partir da língua, a partir da comida, a partir das festas.

O meu povo, quando fazemos cerimônia tradicional, o que não pode errar se chama "*Kabocuri*", nós temos a entrada, nós temos as pessoas que vão tirar as frutas, as pessoas que vão receber tem que fazer bebida, nós temos que fazer ritos para levar nosso espírito para lá e outros receber, não pode haver falha dentro de nossas tradições! É o rito, esse rito é mais ou menos assim. Então às vezes uns não conhecem, acham que nós temos que ser iguais a Tukanos, acham que todos os povos indígenas são únicos.

Lá nas nossas terras eles quebram tabus, acabam colocando filho de índio com nome de santo, quebrando nosso tabu, acabam dizendo: "olha esse é chefe, esse não é...", quando na verdade esses "poderes" que vem de fora, têm trocando nossos líderes tradicionais. Coloca lá o presidente.. não sei o que esse tem que falar, inventa muitas coisas que não tem nada ver com nosso futuro, inventa um Código Florestal que não tem nada a ver com nosso futuro. Então nós vivemos no meio de todas essas confusões, e nós podemos dizer como deve ser a organização social das comunidades indígenas neste país. Quem tem que dizer as nossas culturas e valorizar nossas culturas somos nós, e não os outros. Por isso Samantha, eu acho importante essa experiência que seu pai nos ensinou.

Cadê os outros deputados? Cadê o órgão de deputado? Eu fui candidato três vezes deputado federal para estar lá junto com seu pai, alguém votou em mim? Não! Eles sempre dizem: "esse cara deve se louco", eles julgam por esse lado. Por isso hoje está desse jeito o Congresso Nacional sem representação indígena, nós temos pessoas que querem nos representar, não conseguem nos representar. Por isso acontece toda essa fragilidade, temos ai muito dinheiro, para o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), para hidrovias, para minerações, e outras confusões, o que vai é acabar com a vida dos povos

---

<sup>31</sup> Com relação a esta fala do Álvaro Tukano, tem uma entrevista em audiovisual feita na década de 1980 pelo Globo Repórter através do jornalista Ernesto Paglia com Mário Juruna, abordando a ferramenta que Juruna utilizou na época para registrar e denunciar as violações dos direitos dos povos indígena. Para ver mais: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-reporter/v/globo-reporter-traca-o-perfil-de-mario-juruna/1137699/>

indígenas.

E foi o que você fez minha filha, você foi registrar isso aqui no papel, e fazer essa imagem através do vídeo, eu acho que já é o suficiente para encorajar aquelas pessoas que não sabem ler, porque nós fazemos a leitura visual, e para isso não preciso saber ler... quando vi esse vídeo, eu falei: "o Davi eu conheço". Eu conheci o Davi pequeno, lá em Yawareté, ele estudou lá. Eu conheci o Davi lá no Rio Deminir, lascadinho... pescador, peãozinho eu falei "não! vamos lá, vem comigo", por isso que o Davi virou o homem conhecido. Conheci o Krenak tímido, com medo de ser índio, "extinto" por alguns pesquisadores que diziam que não existiam mais Krenak, pois tinha muita gente naquela época que tinha medo de ser índio, e o que eu vejo hoje são índios cheios, de ponta a ponta eu vejo.<sup>32</sup>

Eu cheguei ontem dos Potyguara na Paraíba, os Potyguara não tem terra! Depois de quinhentos e poucos anos, eles não tem terra. E a FUNAI fica dizendo que esses são extintos, que não sabem se vão demarcar a terra. Outro exemplo os Tabajara continuam falando a língua deles, mantém suas tradições. E eles, os povos indígenas precisam dessa força da juventude.

Então por isso professores Othon, que não estamos quebrando tabu, nós estamos fazendo uma universidade que de fato é para os brasileiros, quem manda aqui somos nós, índios, não índios, brasileiros, nós temos que ter uma universidade diferenciada de Londres, de Berlim... não somos alemães, não somos Gregos, nada. Nós somos assim, povos indígenas.

Eu acho que é o melhor campo que está tendo aqui no CDS, pois abre mais as portas para os pesquisadores brasileiros. Nós temos que saber agradecer pessoas que sempre sonharam isso. Queria dizer isso aqui à Ione Carvalho, Ione onde você estava fazendo guerrilha? Lá em Nicarágua, que é esses ideais. Maria Helena quantos anos você passou lá na FUNAI? E hoje eles dizem "manda a Maria embora, ela está velha" não! Maria Helena mora aqui, ela conhece ele, nós temos aliados assim. A FUNAI continua e vai sendo importante, desde que tenhamos assim pessoas preparadas academicamente para dirigir nossos povos, isso que estamos precisando.<sup>33</sup>

Para terminar, eu quero dizer que estou muito feliz. E é uma pena que muitos de

---

<sup>32</sup> Davi Kopenawa é do povo Yanomami que estão localizados nos Estados Brasileiros Roraima e Amazonas; Ailton Krenak e o povo Krenak estão situados na região do Estado de Minas Gerais.

<sup>33</sup> Ione Carvalho trabalha no Ministério da Cultura (MINC), Maria Helena Fialho é servidora da FUNAI e aluna do mestrado profissionalizante Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Indígenas, ambas estavam presentes na banca do mestrado no CDS/UnB.

nossos colegas partiram, e um deles é seu pai. Muito obrigado ao Juruna por ter educado você e a mim também! Seu pai tem sido de fato um dos brasileiros ilustres, e nós quebramos tabus, quando nós fomos para a Europa, porque índio naquela época não poderia ir para fora, só porque ele é índio, "índio não pode viajar", mas ele foi, eu já estava lá, "índio não pode brigar com padre", nós brigamos, "não pode brigar com a ditadura militar", nós brigamos, "índio não pode estar lá na universidade", nós estamos.

Uma certa pesquisadora de índio disse para mim “ Álvaro volta para casa, nós estamos aqui trabalhando por você” eu disse “não! Eu sei pensar, eu sei o que eu quero!”. Então todas essas coisas que nós enfrentamos Tsitsina, você estando aqui com seus colegas, vocês são para nós um presente, para a Associação Brasileira de Antropologia sem dúvida, para o Conselho Indigenista sem dúvida, para o Instituto Socioambiental, até mesmo para a FUNAI, e acho que nós melhoramos.

Parabéns, minha nota para você é dez! (aplausos)



Fotografia 23: Banca examinadora e convidados indígenas que participaram da banca. (Tobias Tserenhi'rāmi Tsere'ōmowi Xavante; Álvaro Sampaio Tukano; Luciane Ouriques Ferreira/Orientadora; Othon Leonardos/Examinador interno; Samantha Ro'otsitsina/mestranda; Ricardo Verdum/Examinador externo; Nelson Hambé).

Autora: Francinete Baré.

Data: 01 de fevereiro de 2013.

## TOBIAS TSERENHI'RĂMI TSERE'ŌMOWI XAVANTE (TRADUÇÃO COSME RITÉ)

Não é fácil estar presente, acompanhando a defesa da nossa mestranda, porque quase que eu não pude estar aqui por causa do deslocamento da aldeia até aqui, mas consegui estar aqui neste momento. Eu sou uma pessoa que luto para ser índio, pelos direitos indígenas, conheço desde o começo e me encontro com outros povos indígenas do nosso país. Então eu já convivi com o seu pai Mário Juruna durante muito tempo nas aldeias participando de festas tradicionais da aldeia.

Dei o presente para a professora por ser uma dirigente da banca examinadora na defesa. E esse enfeite que eu dei de presente para o professor Othon, foi do Mário Juruna e ele usava quando era rapaz, dei para ter na memória deste momento que a filha está sendo a mestranda, e sempre estar na memória do pessoal do acontecimento.

E dizer que a Tsitsina já conviveu e convive com a família, e eu tenho ajudado ela a fazer alguns trabalhos sobre a sustentabilidade, do alimento tradicional, da caça, dos frutos, do plantio, de tudo que eu faço e é importante é para a cultura. E ela sabe muito bem o que é isso para a família dela e para povo dela.

Falo isso, porque eu não vou viver muito tempo daqui para frente, a minha vida vai acabar logo, mas quem vai assumir a responsabilidade de lutar a favor do meu povo, é ela (Tsitsina) que vai assumir, e vai continuar como o pai... que já fez uma luta para todos e ela vai continuar o que o pai fez para mim e para o povo, e a minha intenção é esperar que ela vai fazer isso: lutar pelo meu povo!

Então nós estamos muito felizes também de ver a apresentação da nossa mestranda, ela sempre representa a nossa etnia xavante. Ela se reforçou muito para o trabalho dela e eu acredito que ela vai assumir muitas responsabilidade e contribuir com os jovens para não esquecer a cultura, para manter a nossa cultura.<sup>34</sup>

Finalizando, eu consegui está aqui tendo dificuldades e vou voltar para minha aldeia e contar para todos da nossa mestranda, e da nossa conquista.

---

<sup>34</sup> O sogro Tobias quando se refere a “nós”, é sobre a presença de outros A'uwe na banca: Nelson Hambé, Carolina Rewaptu e Cosme Rité.





Fotografia 24: Xavante presentes na apresentação da banca: Cosme Rité, Samantha Ro'otsitsina (Tsitsina), Nelsom Hambé, Carolina Rewaptu e Tobias Tserenhi'râmi Tsere'ômowi.  
Autora: Francisca Navantino (Chikinha Pareci)  
Data 01 de fevereiro de 2013.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZÔNIA. **Filha do Cacique Juruna busca as raízes do movimento indígena.** Disponível em < <http://amazonia.org.br/2012/06/filha-do-cacique-juruna-busca-as-ra%c3%adzes-do-movimento-ind%c3%adgena/> > Acessado em: 28 de junho de 2012.

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Brasília: Informe APIB, 2012. Edição Especial.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Programação IX Acampamento Terra Livre, Cúpula dos Povos. APIB, 2012.

\_\_\_\_\_. **Chamado aos povos indígenas do Brasil e do mundo.** Disponível em: < <http://www.apib.org.br/chamado-aos-povos-indigenas-do-brasil-e-do-mundo/> > Acessado em: 01 de junho de 2012.

\_\_\_\_\_. **IX Acampamento Terra Livre Urgente.** Disponível em: < <http://www.apib.org.br/ix-acampamento-terra-livre-urgente/> > Acessado em: 20 de junho de 2012.

\_\_\_\_\_. **Relatos dos primeiros dias do ATL.** Disponível em: < <http://www.apib.org.br/ix-acampamento-terra-livre-2/> > Acessado em: 23 de junho de 2012.

\_\_\_\_\_. **Declaração Final do IX Acampamento Terra Livre – Bom Viver/Vida Plena. Rio de Janeiro, Brasil, 15 a 22 de junho de 2012.** Disponível em: < <http://www.apib.org.br/ix-acampamento-terra-livre-3/> > Acessado em: 23 de junho de 2012.

BURITY, Valéria [et al.] **Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional.** Brasília: ABRANDH, 2010. 204 p. Disponível em: < <http://www.abrandh.org.br/download/20101101121244.pdf> > Acessado em: 08 de janeiro de 2013.

BRASIL. **Plano Setorial para Culturas Indígenas.** Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/cnpc/wp-content/uploads/2011/07/plano-setorial-de-culturas-indigenas.pdf> > Acessado em: 10 de junho de 2012.

BICALHO, Poliene. S. dos S. **Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970 – 2009).** Tese (Doutorado em História) Universidade de Brasília: Brasília, 2010.

Carta Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (**Declaração de Estocolmo**), junho: 1972.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Aécio Neves: Para Aécio, eleição de Juruna foi fato histórico.** Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/NAO-INFORMADO/21243-PARA-AECIO,-ELEICAO-DE-JURUNA-FOI-FATO-HISTORICO.html> > Acessado em: 12 de janeiro de 2013.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Morre o Ex-Deputado e Cacique Mário Juruna.** Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/ULTIMAS-NOTICIAS/315001--MORRE-O-EX-DEPUTADO-E-CACIQUE-MARIO-JURUNA--12:05.html> > Acessado em: 12 de janeiro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Morre cacique e ex-deputado Mario Juruna.** Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/ULTIMAS-NOTICIAS/315000--MORRE-CACIQUE-E-EX-DEPUTADO-MARIO-JURUNA.html> > Acessado em: 12 de janeiro de 2013.

DE PAULA, Luis R.; VIANNA, Fernando de L. B. **Mapeando políticas públicas para povos indígenas.** In: Parte Mapeando as políticas públicas federais para povos indígenas: guia de pesquisa de ações federais. LACED/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro: 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, IBGE. **População Indígena.** Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2119&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2119&id_pagina=1) > Acessado em: 14 de junho de 2012.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, ISA. **Quadro geral dos povos indígenas.** Disponível em: < <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral> > Acessado em: 01 de dezembro de 2012.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas S.A, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** 1ed – [Reimp.], Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GLOBO REPÓRTER. **Entrevista com Mário Juruna.** Disponível em: < <http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-reporter/v/globo-reporter-traca-o-perfil-de-mario-juruna/1137699/> > Acessado em: 22 de fevereiro de 2013.

HECK, Dionísio E. SILVA. Renato. S. da.; FEITOSA, Saulo. F. **Povos indígenas aqueles que devem viver: manifesto contra os decretos de extermínio.** In: O movimento indígena por ele mesmo. Brasília: Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 2012.

LUCIANO, Gerssem B. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** In: Movimento indígena etnopolítico: história de resistência e luta. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, Rio de Janeiro: 2006.

OLIVEIRA, João. P. FREIRE, Carlos. A. da R.; **A presença indígena na formação do Brasil.** In: Ensaios de Cidadania Indígena [1988-2006]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MARAIWATSEDE. Wordpress. **Uma nova promessa na Rio+20** .Disponível em: < <http://maraiwatsede.wordpress.com/2012/06/22/uma-nova-promessa-na-rio20/> > Acessado em: 10 de janeiro de 2013.

MATOS, Maria Helena Ortolan. **O processo de criação e consolidação do movimento pan-indígena no Brasil (1970-1980)** 1997. p. 357. Tese (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, Brasília.

MUNDURUKU, Daniel Monteiro Costa. **O caráter educativo do movimento indígena (1970-1990).** Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo: São Paulo, 2010.

SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I).** Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100002> > Acessado em: 28 maio de 2012.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Org. STROH, Paula. Ione. Garamond: Rio de Janeiro, 2002.

VÍDEO NAS ALDEIAS, Disponível em: < <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php> >  
Acessado em: 12 de dezembro de 2012.

## **REFERENCIAL FONTE PRIMÁRIA**

Ismael Morel, Povo Guarani Kaiowá, Local: Marquês de Sapucaí (Sambódromo), Rio de Janeiro-RJ. Dia: 17/06/2012. Duração: 5min39seg.

Hensu Kamekwa, Povo Xerente. Local: Marquês de Sapucaí (Sambódromo), Rio de Janeiro-RJ. Dia: 17/06/2012. Duração: 11min48seg.

Maria da Conceição, Povo Pitaguary. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 18/06/2012. Duração: 8min25seg.

Raoni Metuktire, Povo Kaiapó. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 18/06/2012. Duração: 30min08seg.

Getúlio Souza, Povo Guarani Kaiowá. Local: Marquês de Sapucaí (Sambódromo), Rio de Janeiro-RJ. Dia: 18/06/2012. Duração: 21min30seg.

Edilena Torino, Povo Krikati. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 19/06/2012. Duração: 11min02seg.

Alana, Povo Manchineri. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 19/06/2012. Duração: 16min17seg.

Aldamir, Povo Sateré-Mawé. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 20/06/2012. Duração: 20min41seg.

Antonio Cirilo de Sá. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 20/06/2012. Duração: 6min03seg.

Winti Suiá, Povo Kisedjê. Sesc Copacabana, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 20/06/2012. Duração: 16min04seg.

Francisca Marciane, Povo Tapeba. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 21/06/2012. Duração: 6min48seg.

Davi Kopenawa, Povo Yanomami. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 21/06/2012. Duração: 29min56seg.

Marcos Sabaru, Povo Tingui Boto. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 21/06/2012. Duração: 15min39seg.

Tabata, Povo Kuikuro. Local: Cúpula dos Povos/Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro-RJ. Dia: 21/06/2012. Duração: 07min49seg.

Augusto da Silva, Povo Kaingang. Local: Galpão da Cidadania , Rio de Janeiro-RJ.  
Dia: 21/06/2012. Duração: 10min43seg.

Damião Paridzané, Povo Xavante. Local: Marquês de Sapucaí (Sambódromo), Rio de Janeiro-RJ. Dia: 21/06/2012. Duração: 06min43seg.

## **REFERENCIAL MULTIMEIOS**

ACAMPAMENTO TERRA LIVRE. **Memória de seis anos de luta.** Produção: Doc. Audiovisual. Brasília: 2009.

## **ANEXOS**